

MOVIMENTO

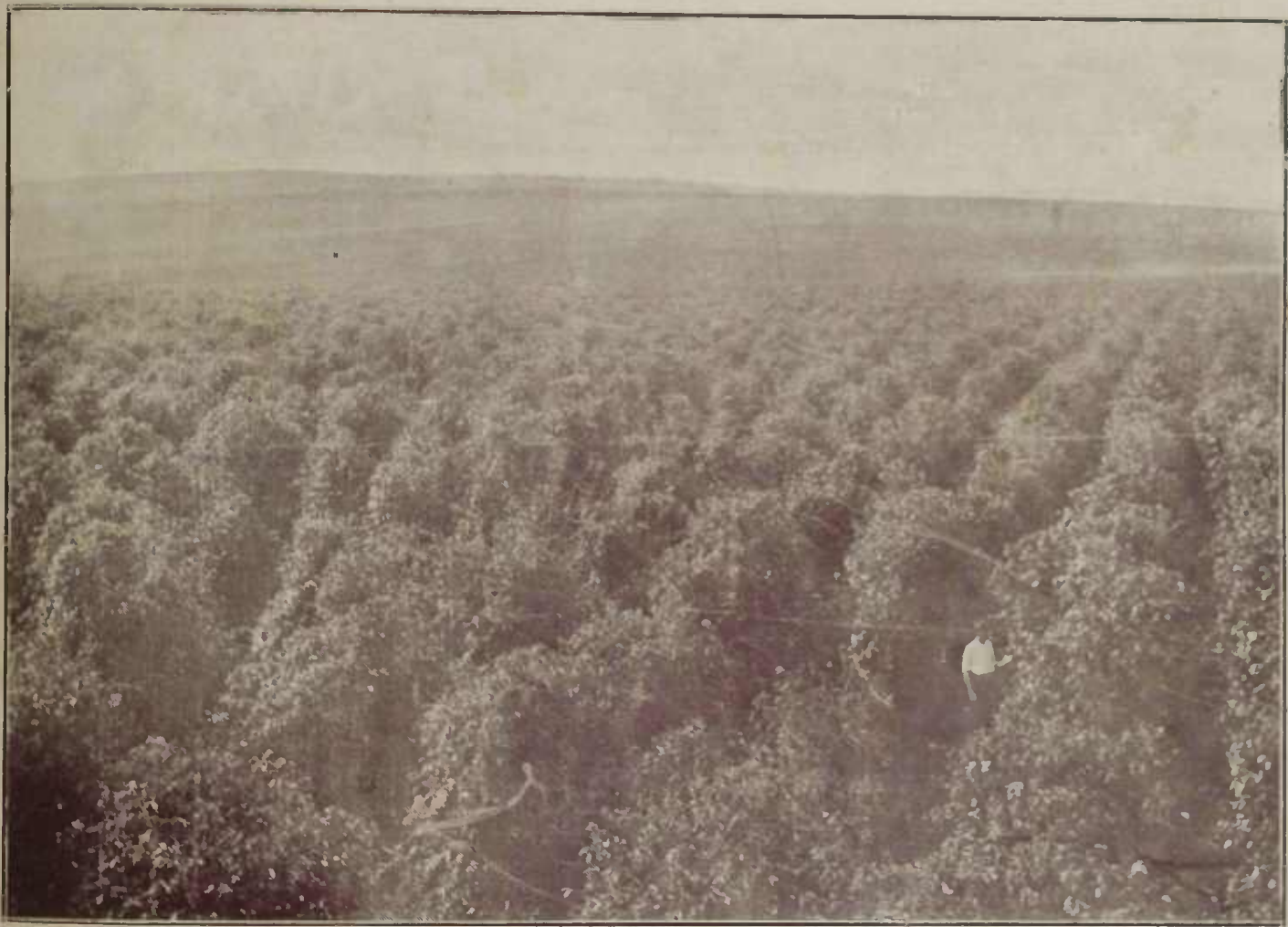
BRASILEIRO

SEGUNDO ANNO

Numero 13

Director:

RENATO ALMEIDA



O CAFEZAL

JANEIRO

PREÇO - 1\$000

RIO DE JANEIRO

Compagnie Générale Aéropostale

50, AVENIDA RIO BRANCO - Rio de Janeiro
 Correio Aereo
Linhas C. G. A. Aereas

Horario e taxas e RIO DE JANEIRO

ENTREGAR AS CORRESPONDENCIAS AO CORREIO:

para Victoria, Caravellas, Bahia, Macció, Recife, Natal e EUROPA.	10 horas
	AOS
para Santos, Florianopolis, Porto Alegre, Pelotas, URUGUAY, ARGENTINA, PARAGUAY e CHILE.	SABBADOS
	12 horas

Taxas Postaes

A correspondencia transportada nos aviões das linhas C. G. A. paga:

Em sellos ordinarios do correio — 1.º a taxa postal em vigor
 Em sellos especiaes do serviço aereo — 2.º a taxa transporte aereo

A taxa de Expresso é facultativa

Tabella das taxas de transporte aereo de Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO PARA:	Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.	RIO DE JANEIRO PARA:	Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.
Pelotas.....	\$500	Caravellas.....	\$500
Porto Alegre.....	\$500	Bahia.....	\$500
Florianopolis.....	\$500	Macció.....	\$750
Santos.....	\$350	Recife.....	\$750
Victoria.....	\$350	Natal.....	\$750
		F. Noronha.....	\$750
		<i>Cartas, Bilhetes, por 5 grms.</i>	<i>Impressos, Amostras e Encommendas-por 50 grms.</i>
EUROPA.....		2\$500	5\$000
Uruguay e Argentina.....		1\$000	2\$500
Paraguay e Chile.....		1\$500	3\$000

ACABA DE APPARECER

ANTONIO PRADO
NO
IMPERIO E NA REPUBLICA

Seus discursos e actos colligidos e apresentados por sua filha
NAZARETH PRADO

Editores: F. BRIGUIET & CO.

— À venda em todas as livrarias. —

LYCÉE FRANÇAIS

Rua das Laranjeiras, 13 15

Externato e Semi-Internato

Reabertura das aulas em Março

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

SEGUNDO ANNO

Numero 13

Director :

RENATO ALMEIDA

NACIONALISMO

ANTONIO PRADO NO IMPERIO E NA REPUBLICA

«A VIAGEM MARAVILHOSA»

FRANCISCO GUARDERAS: RONALD DE CARVALHO

POEMA DE FREDERICO AUGUSTO SCHMIDT

GARCIA DE REZENDE: O ENSINO NO ESPIRITO SANTO

J. R.: BULOW CHANCELLER DA MYSTIFICAÇÃO — MAX DE

BADEN CHANCELLER DA DERROTA

JOSÉ DE ESPANA: NOVOS VALORES ARGENTINOS

TEIXEIRA SOARES: UM 3.º PARTIDO AMERICANO

REPERTORIO

REDACÇÃO:

R. D. MANUEL, 62

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

Movimento Brasileiro

ANNO 2 — N.º 13

JANEIRO — 1930

NACIONALISMO

O nacionalismo não é questão cujos termos se possam fixar definitivamente. Cada qual o sente a seu modo e o conduz dentro das suas preferencias e convicções, estando o merito na sinceridade e intelligencia da acção. Mas circunscrevel-o a meia duzia de fórmulas e tomar como adversarios todos os que não participam da mesma orientação é pretencioso e talvez ridiculo. Nada mais absurdo, por exemplo, do que negar ao movimento moderno um sadio nacionalismo, reclamando para o pensamento, para a arte, para a vida brasileira, em summa, a determinante do seu character. Tudo quanto se afastar desse imperativo, que não exclue, antes se integra no universalismo, tudo quanto não se fundar nessa base definitiva, será obra precaria e passageira. O modernismo brasileiro foi, exactamente o grande defensor dessa realidade e muitos têm, nessa insistencia, chegado a extranhas aberrações, ao regionalismo, ao incompreensivel primitivismo. A constante brasileira tem sido toda a orientação moderna.

Varia apenas o conceito desse nacionalismo. Para nós, o Brasil deve ser moderno e o que o afastar desse caminho não vingará. Precisamos perder o ranço lusitano, os apêgos a um passado pobre e que quasi nada construiu, aferir as forças actuaes e trabalhar resolutamente para o futuro. Deixemos o que não se incorporou ao presente, que é morto e não resurgirá. E' incrível esse esforço para criar uma tradição. Não tem sentido, porque, se a tradição é uma força dinamica que actua no presente e se desenvolve em perpetuo vir-a-ser, como invental-a, ou reconstruill-a, através dos archivos? Desde que nos preocupamos em definil-a, já a negamos. A sua força é inconsciente, com as taras de sangue, as deformações do meio.

Se nacionalismo equivallesse a essa tarefa de construir no nada, para não fazer nada, nós o repelliríamos com energia. Nacionalismo, no Brasil de hoje, não será essa contemplação do que se tenta pacientemente recompor, mas a energia criadora, que quer fazer obra propria, com os

elementos numerosos da sensibilidade actual, vivendo no prodigioso meio mecanico das cidades, ao lado de uma natureza deslumbrante e formidavel. Assim, o paiz se integrará no seu destino, de dar aos homens alguma coisa nova, vinda da sua propria existencia. Cobrir o Brasil com todas as velharias que povos velhos trouxeram para esta terra nova, seria negar o impeto criador e reduzil-o a uma expressão colonial. Ninguém negará a grandeza estupenda dos Estados Unidos e elles não a teriam attingido se permanecessem fieis ao preconceito inglez. E nem por terem feito obra propria e inconfundivel perderam o character saxonico, que lhes veiu da origem européa. Deveríamos proseguir na retorica causidica e abandonaríamos as syntheses do pensamento moderno por causa da educação juridica lusitana dos nossos primeiros estadistas? Haveríamos de encher nossas cidades de tristonhos casarões acachapados, desprezando a architectura actual, porque assim foram as casas de nossos bisavós? Ficariamos fieis ao classicismo portuguez para não quebrar o seguimento dos escritores antigos? Porque essa submissão seria nacionalismo e não o espirito sadio de revolta, avido de criação e de originalidade? O verdadeiro nacionalismo é aquelle que procura conciliar o temperamento vivaz do brasileiro, o seu character americano, com a lição da cultura.

O absurdo dos que pretendem o contrario é evidente, sobretudo quando todo o esforço moderno consiste em despertar a originalidade brasileira, que esse falso tradicionalismo, tradicionalismo que não é nosso mas portuguez, sempre embotou e crestou. O que se incorporou ao espirito nacional vive por si, está em todos nós, no grande amalgama que é o tipo nacional em formação. Seccionar esse passado, como força espiritual, é entrar o surto do paiz, sacrificar as suas melhores e mais puras energias. Toda a obra que, no Brasil, não tiver a preocupação do futuro, se perderá na rotina, na declamação, no colonial. Na época da machina, construiremos o Brasil "com a força dinamica libertadora do espirito moderno, que cria cousa propria", na expressão renovadora de Graça Aranha.

Antonio Prado no Imperio e na Republica

É um trabalho extraordinario de documentação este livro de mais de 800 paginas, que a senhora Nazareth Prado acaba de publicar, com os discursos parlamentares e declarações de Antonio Prado, seguido de varios artigos sobre as diversas actividades e empreendimentos da sua vida e de todo o noticiario da imprensa por occasião do seu fallecimento. Abre o livro um luminoso prefacio de Graça Aranha, pagina magistral que traça a biographia daquelle grande brasileiro, ao mesmo tempo que lhe acentúa todos os valores de intelligencia, vontade e acção. Por elle se sente bem a vida extraordinaria de Antonio Prado e o seu caracter realista, de constructor, de organizador, de mentor, trabalhando infatigavelmente e orientando sempre essa actividade num sentido nacional, de tal sorte que a sua benemerencia não se circunscreve á acção politica, senão a todas as suas realizações, que, embora de natureza privada, contribuiam para a grandeza e o desenvolvimento do paiz.

Diante desse livro se poderá estimar devidamente toda acção fecunda de Antonio Prado, orientando a vida brasileira e esforçando-se sempre por lhe dar um rythmo de civilização intensa, bem como todo o reflexo da sua obra na consciencia brasileira, cuja consternação na hora do seu desaparecimento foi profunda, como raras vezes acontece. A mão piedosa de sua filha, que recolheu como methodo intelligente e inexcedivel dedicação, todos esses documentos, organizou-os e os apresenta, depois do trabalho energico, ergueu á memoria gloriosa de Antonio Prado um admiravel monumento, que guardará as suas proprias palavras na acção politica, o testemunho das suas organizações e a emoção que sua obra causou sempre no espirito nacional. Assim, elle manterá vivo o culto da personalidade vigorosa de Antonio Prado, cujas idéas proseguem em marcha, na antevisão de um Brasil mais livre e maior. Assim, como elle previu a solução do problema do trabalho brasileiro, quando cessasse a escravidão, pouco antes de morrer, sentiu a necessidade de coordenar as forças de reacção brasileira num partido, que defendesse a pureza das instituições e pregasse a reforma de todos os pontos vulneraveis da sua organização, através dos quaes se tem implan-

tado o despotismo governamental. E dia a dia se vão confirmando as suas palavras e se sente a victoria, que, no seu ultimo anniversario, reconheceu com certa, desde que a mocidade se constituia em defensora desses idéas.



Srna. Nazareth Prado

Esse livro, afóra, todos os meritos como documento de civismo, é, por igual, uma alta contribuição ao estudo da nossa historia, de toda o longo periodo em que se desenvolveu a acção de Antonio Prado, em particular no tempo da abolição. Os seus discursos na Camara e no Senado do Imperio nos dão bem a medida do estado de espirito da então e esclarecem a marcha dos acontecimentos e a mentalidade dos estadistas brasileiros.

Além disso, representa esse volume um esforço extraordinario de documentação e um cri-

“A VIAGEM MARAVILHOSA”

A noticia do apparecimento proximo do novo romance de Graça Aranha e do seu titulo causou a mais extraordinaria ansiedade, já vivamente despertada quando, ha um anno, annunciámos, em primeira mão, que o mestre havia entregue os originaes do seu romance á Livraria Garnier, para edital-o.

“A Viagem Maravilhosa” é um drama de amor, em que os amantes se libertam de todas as contingencias e relatividades, attingindo ao absoluto, pela força mesma da paixão que os une e os conduz á beatitude. Mas, enquanto Thereza e Philippe realizam a *viagem maravilhosa*, do soffrimento e da inquietação á serenidade plena que só o amor consente, elles atravessam um mundo violento e intenso, que é o quadro social, politico, espirital por assim dizer, do Brasil, de maio de 1925 ao carnaval de 1926, em cujo tumulto o livro se encerra. E são cincoenta e dois personagens, humanos ou não, que se movem, reflectindo intelligencias e vontades, desejos ou odios, vivendo, em absoluta realidade, uma vida que marca o rythmo daquella época brasileira. Uma figura, sobretudo, avultará e sua criação é immortal.

O romance se desenvolve no Rio de Janeiro, rapidamente na cidade de São Paulo, e numa fazenda desse estado. Um passeio a Nicteroy. Nesse ambiente natureza e civilização são as descrições extraordinarias, os quadros portentosos do romance, onde se agitam as inquietações mais profundas e transcendententes do amor, da politica, dos problemas sociaes, ao lado dos terrores primitivos da magia negra, da assombração dos caboclos. E todo esse mundo de ardor, de soffrimento e de esperança é o Brasil.

terio superior para organizal-a. Nesse particular, é obra perfeita, sem as confusões communs em trabalhos dessa natureza, fatalmente heterogeneos. Nesse, ao contrario, a materia enorme se desdobra com logica e o systema de cotas á margem, como anotações aos discursos parlamentares, muito contribue para facilitar a consulta e clarear, outras vezes, o texto.

A senhora Nazareth Prado não serviu apenas com dedicação filial, ella a companheira constante de toda a velhice de Antonio Prado, não serviu apenas á gloria de seu pae. Deu á historia do Brasil um documento valioso de informação, feito com intelligencia e serenidade. Porque o livro é um modelo de publicação no genero. Devem ser transcrita as bellas palavras com que D. Nazareth Prado apresenta esse vigoroso trabalho, de tanta belleza moral e de tão vigorosa energia.

“A longa vida de meu pae, Antonio Prado, caracteriza-se pela infatigavel actividade criadora. Os seus pensamentos fizeram-se actos. Corporificaram-se em criações agricolas, commerciaes e industriaes, em realizações administrativas e sociaes, em partidos politicos. O seu supremo senso

realista tornou victoriosas todas as suas iniciativas. Abrindo ou desenvolvendo fazendas, estabelecendo bancos e casas commerciaes, presidindo a maior estrada de ferro particular do paiz, fundando fabricas, administrando os negocios publicos, Antonio Prado demonstrou praticamente o que pôde o trabalho. No Imperio, a sua politica foi a organização do trabalho livre, resolvendo preliminarmente os problemas da abolição e da immigração. Na Republica, a acção politica de Antonio Prado foi pugnar pelas garantias da independencia do povo na escolha dos seus representantes, pela pacificação dos espiritos, pela restauração da plenitude das liberdades constitucionaes, condições indispensaveis ao progresso moral e economico da Nação.

“Dos traços mais expressivos desta incomparavel actividade, colligi a documentação que apresento neste livro. A ella accrescentei os testemunhos de muitos contemporaneos e da imprensa brasileira sobre a personalidade de Antonio Prado. A todos que tão generosamente estimaram meu pae e aos que me auxiliaram na confecção deste volume, a minha gratidão.”

RONALD DE CARVALHO

FRANCISCO GUARDERAS.

O viajante hispano-americano que, transmontando os Andes, penetre as terras do Brasil, mau grado a riqueza da sua bagagem intellectual, experimentar, sem duvida, grandes surpresas. E' provavel, por igual, que o viajante luso-americano se surprehenda tambem, ao chegar a qualquer das praias do Pacifico. Essas duas surpresas, embora appareçam, figuradamente, nestas linhas, constituem realidades já verificadas, successos effectivos, que produzem, reciprocamente, impressões penosas, explicaveis sómente pela incommunicabilidade em que vive o "esplendido deserto americano", por mais que a nossa consciencia, segura dos proprios valores, nos advirta estarem aqui os nossos interesses, a nossa cultura, o nosso futuro, a nossa patria espiritual.

Prosigamos, entretanto, em nosso caminho.

Atribuimos a nossos peregrinos alguma bagagem intellectual, que lhes dêsse, desde logo, uma aptidão particular para a sua adaptação ao novo meio. Com isso, é evidente, já admittimos referencias convencionaes, que, se não se mostram inteiramente absurdas, são, pelo menos, factos excepçionaes. Contudo, nosso desejo de palpar a melhor realidade, queremos dizer, a mais agradável realidade, nos obriga a admittil-as, com aquelles caracteres.

Pois bem, que encontraremos nas bagagens dos nossos viajores?... Os d'aqui, provavelmente, irão com don André Bello, com Hostos, com don Juan Montalvo, com Francisco García Calderón, com Olmedo, com Chocano; os de lá, sem duvida, virão com José de Alencar, Ruy Barbosa, Olavo Bilac e Raymundo Correia, Machado de Assis e Raul Pompeia, trazendo os mais adiantados, na sua mala, Graça Aranha e Euclides da Cunha, pretendendo julgar, por elles, todo o Brasil.

Derivam-se d'ahi, nas relações dos povos da America, erros que alteram a verdade das perspectivas, pois, o conhecimento do presente é substituido pela miragem do passado, de um passado perfeito, hieratico, de um passado que perdura sem continuação.

Esse phenomeno de estatismo se manifesta, da mesma sorte, na ordem da cultura intellectual como na politica; tanto no desenvolvimento economico quanto no artistico, adoptando fórmulas simples, simplicissimas, com as quaes se pretende

synthetisar culturas complexas, características especiaes, quando, em verdade, constituem taes fórmulas traços dessas características ou fragmentos dessas culturas. As fórmulas "o Brasil de Rio Branco", o "Equador de Garcia Moreno" presumem resumir as respectivas nacionalidades, quando, de facto, são apenas circumstancias e instantes de suas vidas.

Faz-se mistér, dess'arte, que o ponto de mira das nossas observações seja actual, presente, sem esquecer que tudo quanto o *actual* contém de virtualidade, immanente está em funcção do passado. Em outros termos, é preciso o conhecimento do passado para a explicação cabal do nosso "hoje", que, em summa, é a mais immediata e importante necessidade. Suscitar a observação de presente a presente, com suas causas, contingencias e necessidades, o proposito destas linhas, onde se analysam valores representativos desta hora do Brasil, como uma contribuição ao exame integral desta porção da America, que annuncia novos caminhos e um novo futuro para os incertos passos humanos.

Abordando o assumpto, assalta-nos uma inquietude inicial, que necessitamos serenar. Nossos velhos habitos mentaes attribuem uma categoria aos começos, quando, ás vezes, desde que não se trate de estabelecer uma ordem, crear um *systema*, erigir uma architectura, tal categoria não existe. Não está em nosso proposito apresentar um quadro organico, com um *systema* central de irradiações. Falando linguagem mathematica, propomo-nos sómente contribuir para o estudo de "um ponto particular de uma superficie espherica", indicando quaes são os indices culturaes desse ponto, sem distinguir hierarchias, mas de real transcendencia neste estudo. O valor dos começos, repetimol-o, é arbitrario, neste caso.

Escolhemos, como ponto de partida, Ronald de Carvalho. Critico, poeta, historiador, ensaista, em todas as fórmulas da sua actividade, parece-nos elle o annunciador de uma aurora nova. E o attestam a penetração da sua analyse, a novidade dos seus assumptos, o sentido particular das suas imagens, a liberdade e um certo pragmatismo dos seus rythmos. Em todas as fórmulas da sua acção intellectual é inseperavel; é unica a bella trajetoria da sua transformação.

O primeiro dos seus livros organicos é a

Pequena Historia da Literatura Brasileira. Os elogios com que a critica o consagrou foram estrondosos. O livro foi considerado, unanimemente, como o mais judicioso de quantos haviam, até então, apparecido sobre a materia; pois as anteriores hsitorias da literatura do Brasil tinham o defeito de serem feitas com um criterio de anthologia que não discerne claramente as tendencias e os caracteres, faltava-lhes critica e senso categorico. Esses juizos nos dispensam a necessidade de nos determos no exame do aspecto erudito daquella publicação. A nós, seduz o criterio do autor, pois que estuda o phenomeno literario como uma resultante de factos ethnicos e mesologicos, procurando sempre discriminar o que é brasileiro e o que é extranho. Nessa tarefa procede com cuidado. Vê surgir da inelludivel arvore brasileira a alma humana, para viver a sua liberdade nativa, a que lhe era consubstancial e, por isso, a sua ethica, a sua religião, a sua arte. O Brasil era, pois, no pasado, apenas uma denominação geographica, que a onda immigratoria ia continuamente modificando.

O phenomeno, além do mais, comprehende toda a America. O nosso compatriota, D. Gonzalo Zaldumbilde, já notou que se de alguma parte podia nascer, na America, uma literatura americana, que fosse reflexo de uma sensibilidade particular, de uma força criadora especial, como a literatura slava, para a sua propria alma, teria de ser procurada no indio ou no mestiço; mas o primeiro não é mais agora do que “a muda elegia de uma raça que desaparece” e de cuja tragedia não tem consciencia alguma, e o segundo, producto de raças antagonicas, se sente mais aparentado com o branco, de que mais se approxima á proporção que se eleva.

Cum o conquistador começa, portanto, a historia da literatura da America, como começa com elle a historia de toda a nossa cultura. E no Brasil, por motivos especiaes, isso acontece de modo particular; pois não tendo o conquistador encontrado aqui a organização politico-social, os monumentos que, no lado occidental da America, do Mexico ao antigo Alto Perú, attestaram a existencia de grandes culturas, não podia receber uma influencia vernacula, semelhante á que, ao menos pelo lado formal, teve o conquistador da America espanhola. Tudo, por conseguinte, chegou ao Brasil com Pedro Alvares Cabral. As florestas brasileiras estavam povoadas por tribus nomades que, ao levantar as suas tendas das margens dos rios, deixavam apenas um utensilio de caça ou pesca, que affirmava sómente o seu primitivismo selvagem. Assim, o portuguez se encontrou em

inteira solidão nas terras do seu achado. Nellas teve de fazer tudo; e era natural que do rincão natal recebessem tudo, não só pelos fins da sua missão politica, mas por igual por incluível necessidade espiritual. Só mais tarde, quando o litoral foi seu, surgiu a relação profunda entre a sua personalidade e o meio, donde nasceu a chamma que illuminaria o sertão brasileiro. O “bandeirante”, nas florestas americanas, repetiu o poema que Vasco da Gama escreveu nos “mares nunca dantes navegados”, mas sem as naus que criou o heroico anhel de Sagres, sem ajudas da Metropole, sem cortezãos, sem politicos, sem generaes que dirigissem sua conquista.” O bandeirante é o primeiro cidadão do Brasil; o primeiro que comprehendeu o estilo desta terra, o primeiro que penetrou no sentido das suas vozes. No entanto, até o seu advento, o canone da velha Coimbra exerceu seu dominio em fôrma absoluta. Assim o observa agudamente Ronald de Carvalho. O pensamento portuguez foi predominante, mesmo depois de fundadas as escolas regionaes, como a mineira e a bahiana, que pretendiam ser a voz da emancipação mental, sem notar que ellas proprias seguiam a caudal cujas nascentes estavam na terra lusitana. Libertação, libertação, mas se tratava de uma libertação á européa, a libertação dos encyclopedistas, que acendeu a fogueira da democracia. Por isso, a classificação do pensamento brasileiro teve de adoptar os antigos quadros, em que foi preciso enfeixar as modalidades da transformação occidental. E classicos, romanticos e naturalistas brotaram no Brasil, como em qualquer outra parte, sem outras contribuições mais do que as que lhes offerecia a floresta, o que se reduzia afinal a uma questão de palavras. Á sua hora, chegaram parnasianos e symbolistas, seguindo o curso de identica fatalidade.

O conquistador trouxe uma cultura cujo estilo era o de sua propria alma, mas, sem perdê-lo, a sua conversão em bandeirante significa uma simbiose de todo o seu passado com a visão nova de um mundo dionisiaco, em que se reanima a heroi das idades antigas.

Ronald de Carvalho, elle próprio, é a expressão dessa mutação. Este bandeirante foi, por sua vez, em diversos momentos do seu desenvolvimento, romantico, naturalista, parnasiano — toda a lira, — como rebento genuino da sua tradição. A arvore genealogica do seu espirito projecta a sua sombra em seus ensaios. Nos *Estudos Brasileiros* e no *Espelho de Ariel*, livros cheios de humanismo e cultura moderna, medita com Lucrecio, dialoga com Platão, duvida com Descartes, sorri com Renan, exalta-se com Hugo e, ás vezes, deixa en-

Poema de Augusto Frederico Schmidt

Adeus, já vejo ao longe,
No principio da estrada solitaria
A sombra que virá logo buscar-me. Adeus!

Um minuto sómente, e será o bastante
Para olhar uma vez de certo a derradeira
A paisagem tristonha que me cerca. Adeus!

A cidade pequena ao longe sonha
O fumo lento das chaminés sobe ao céu
Ao céu claro sem nuvens quasi. Adeus!

O fumo das chaminés. A humildade. O silencio.
As coisas pequeninas. As arvores. As flores.
Os moveis da minha casa. Adeus! Adeus!

Quando a sombra chegar e a noite infinita,
Entrar pelos meus olhos.
Quando o silencio fôr differente deste silencio
De adormecimento
Quando a paisagem desaparecer
E minha alma, como fumo das chaminés se estender e viajar
[em outros céus, em céus distantes.
Homens iguaes a mim, e de mim esquecidos, tomarão meu
[lugar.

Fitarão a mesma paisagem que eu fito.
Mas a sombra chegará um dia para elles tambem
E terão de abandonar todas as coisas.

trever a lagrima de Leopardi. Bellos livros esses, em que o seu autor, sugando todas as raizes e saboreando todos os frutos, vae descobrindo lentamente, através de muitas experiencias mentaes, sem se deixar dominar pelo pensamento alheio, o seu pensamento, proprio, original, que brota dos mais intimos anhelos e das suas inquietações vitaes.

Mas, o itinerario foi grande, pois teve, para construir o seu acervo mental, que buscar todos os symbolos que formassem a imagem integral do mundo das suas representações. As suas disciplinas, por isso mesmo, foram numerosas. Dess'arte o seu pensamento não está constituido apenas pelo acumulo de doutrinas e theorias, mas tambem pelos factos que lhe apresentaram a experiencia scientifica e o desenvolvimento da historia. Dotado de uma delicada sensibilidade artistica, a musica, a pintura, a esculptura lhe revelaram por sua vez a linguagem dos sons, a harmonia das cores, a intenção das massas e das fórmulas. Nesse campo o critico é agudissimo, não obstante admittir que "a logica do artista não cabe nas fronteiras de um theorema, o que torna a solução dos problemas da arte variavel de momento a momento", sabe assi-

gnalar, em cada caso, a logica que persiste dentro da arbitrariedade artistica. Seu musico predilecto, Villa Lobos, por exemplo, caprichoso, desigual, inquieto, empolga Ronald de Carvalho com todo o torvelinho de seus movimentos irrefreaveis.

Tudo isso, porém, é apenas o inicio da sua contenda. Os dados, as idéas, a cultura estrangeira o envolvem, mas não o absorvem, antes o advertem de que ha alguma coisa de novo no seu mundo, alguma coisa que o impede de ser "discreto e ponderado como o grego", um novo impulso que lhe suscita "a necessidade de crear uma medida de intelligencia e capacidade criadora differentes" O Bandeirante se insinúa.

Mas, que é o bandeirante?...

Historicamente, o conquistador do ouro. Em sua façanha se misturam os interesses economicos e os politicos. Misturam-se tambem todas as raças. No inicio, as bandeiras eram constituídas por todas as maltas de ambiciosos. Ruvios holandezes, meridionaes morenos, negros africanos, amarelos, cobriços, todos se juntaram para a exploração do interior do Brasil, onde disputavam os veios de prata e ouro que a uns dariam a opulencia e a outros redimiriam da escravidão. Esse é o papel his-

torico das bandeiras, mas nos espiritos seu fim era outro: dá-lhes a tempera de aço para lutar contra o inimigo innumeravel da selva, contra o baluarte milenario das rocas, contra a força cega das cataractas. A sua odisséa é inenarravel. Quando se conclue, depois de muitos annos, o bandeirante encontra ampliada a sua consciencia cosmica. A noção do infinito poderia dizer-se que se tornou experimental. Na sua psychologia se encontra o precipitado de alguma coisa nova, pois já sabe que, partido do litoral, descobriu novos rios que, convertidos por sua vez em oceános, transpassarão todo limite. Por isso, o municipio e a communa começam a ser vistos com desdem. São o limitado e o mesquinho, são a pequena torre e, dentro de uma cronologia regular, o tanger modo mundo variou. A selva o imbuu de um sendo aprovisionamento, mercantil, urbano, regulamentar. Não é mais para elle, porque o seu sentido notono de um sino. A communa é apenas o logar tido de profundidade que se amesquinha no povoado. Por isso, o bandeirante precisa das noções que ditam a paisagem familiar e o habito inveterado. Convive, entretanto, com o panorama dinamico e com a violencia da torrente.

Através da breve exposição anterior, intentamos assignalar o novo factor espiritual que gravita na producção de Ronald de Carvalho, em cujo desenvolvimento, encontramos a transposição do bandeirante antigo no brasileiro moderno, a experiencia do sertanejo illuminada pela reflexão do homem culto.

Não se conclua dahi que volte ao indianismo de Alencar e menos ainda que repita a epopeia "herediana" do mineiro. A sua contribuição é de preferencia para a exaltação da intrepidez, é antes um methodo para augmentar o poder humano. Ha nelle, por certo, uma concordancia perfeita com o espirito da época, que reconhece as profundas connexões que existem entre as noções de perspectiva do espaço na pintura moderna e o dominio das infinitas distancias por estradas de ferro, telefones e aeroplanos. Aquelle sentido infinito da selva — a contribuição bandeirante — equivale, portanto, ao sentido espacial, habilmente expresso pela technica do pintor.

Essa attitude mental lhe impõe o sacrificio de idéas, doutrinas e systemas que poderiam distrail-o da sua realidade viva. Não importam os conflictos que lhe desperte a voz romantica da saudade. Ao contrario, marcha para a luta com uma disposição alegre e, ao mesmo tempo, encarniçada. As suas sympathias, desde agora, se adiantam para o futuro, os seus gostos se encaminham

para as theorias precisas e bem determinadas. Desde agora, vem-o animado por tudo que demonstra a complexidade e a multiplicidade das coisas, por tudo o que está vinculado estreitamente com a acção e a vida.

"A tua manhã é um cauto, é uma palpitação, um estrondo, um rumor, um grito alegre de posse".

E ao phenomeno vital, patrio, da formação do Brasil pelo esforço do bandeirante (a acção deste continúa, o general Rondon acaba, mais uma vez, de percorrer as fronteiras), ha que juntar outros factores que enriquecem o sentimento da potencialidade e confiança no futuro. Nascido numa hora em que viu transformar-se a seu velho Rio de Janeiro, de cidade de pequenos burgos e ruelas, malsã, ameaçadora, numa cidade de amplas avenidas, hygienica como ha poucas, cheia de parques e jardins, industrial, forte, opulenta, risonha, sentiu despertar em seu espirito um modo novo de ver a vida, um sentido de fé dynamico e arrebatador. Não é possivel subtrair-se ao symbolo da capacidade triunfante. Aquelle determina uma attitude de espirito que afasta as inuteis abstracções. Os problemas abstractos, nesses casos, se abandonam não por insoluveis, mas por inexistentes.

A proposito da fórmula, elle mesmo resume melhor do que ninguem as suas idéas, quando diz: "Hoje, os poetas modernos não acreditam que só possa haver poesia em certas combinações de vocabulos que vão do monosyllabo ao alexandrino. Porque subordinar a poesia, que é essencia, ao rigorismo metrico, a um exercicio de censuras e pés, porque obrigar-a a evoluções monotonas de um campo de parada militar? E' do rythmo, da disciplina dos movimentos que nasce a poesia. Esse rythmo não se mede pelo processo empirico da respiração, das pausas, da contagem numerica, justificaveis quando a poesia era canto ou melopea. O rythmo de agora não está na sylaba nem no acento, mas no jogo de imagens que se agrupam, no tecido imponderavel de sons que se interpretam."

Cabe exegese nessa fórmula de expressão? E' preciso indicar o sentido esthetico daquella aliteração de palavras que marcam, ousadamente, um quatro synthetico? Será preciso, porventura, a pausa nesse dinamismo para comprehendel-o? Nós o sentimos e acreditamos que a analyse dos seus elementos prejudicaria a emoção. A vida emotiva se constitue assim e é um attentado contra ella a desagregação nos elementos simples. A mais cabal concepção esthetica se manifesta em protofórmulas, em modos de ser, ao mesmo tempo órgão e func-

Bülow chanceller da mystificação

Max de Baden, chanceller do desastre

J. R.

Foi o equívoco e mysterioso Eulemburg quem propoz Bülow para chanceller do Imperio allemão, em substituição a Caprivi. E o nervoso kaiser proclamou: *Bülow será o meu Bismarck!* Isso não impediu que 12 annos mais tarde o despedisse, exclamando: *Varri aque'la porcaria!* Foi Bülow o chanceller que serviu por mais tempo Guilherme II, tendo sido um dos organizadores do imperialismo germanico, cuja diplomacia inhabil confiava sempre no aparelhamento militar para a decisão final. Se, por vezes, surtiu effeito a ameaça constante que dominava as decisões de Berlim, como em Algeciras, isso conduzia o imperio a um isolamento cada vez maior, que acabaria por fechar-o num sitio completo, em 1918. Bülow foi o chanceller da mystificação. Todas as vezes que o kaiser, em accesos de real ou imaginaria hysteria, perturbava a Europa, era Bülow quem devia recompor a situação, com promessas constantes de paz, com que o militarismo ia ganhando tempo para o preparo extraordinario da machina da guerra. Num desses assomos, Guilherme II, em 1904, aproveitando a derrota russa, promoveu um encontro com o Tzar, em Bjönkö, convencendo-o sem difficuldade, que a França tinha abandonado a Russia na guerra, porque não lutaria por imperios e que se devia prevenir contra a Inglaterra, sua adversaria na Asia e alliada do Japão. Elle tinha, *por acaso*, no bolso

o texto de um tratado secreto de alliança e Nicolau II, depois de ler, reler, tornar a ler, assignou o documento. O kaiser que conduzira a scena como um actor reflectido, suava de cansado e o coração lhe batia apressado. Voltando no seu hiato: *Estrella polar* a Petersburgo, o tzar, advertido por Cambesdorf e Witte da leviandade, mandou dizer ao kaiser que firmara o tratado por não ter a mão os seus papeis, pois teria de consultar a França, para o assignar e que, no caso de uma guerra franco-allemã, a Russia seria alliada da França. Esse assalto de Guilherme, que o gabinete russo revelou a Paris e a Londres, alarmou as potencias e Bülow, que dera sua demissão, porque o tratado tinha sido alterado pelo imperador, teve de arranjar a situação ridicula e singular, em que puzera a Allemanha, a extravagancia do seu chefe. Guilherme, compreendendo a necessidade dos serviços arditos de Bülow, nessa grave emergencia, supplicou-lhe, da maneira mais humilde, que ficasse, pois «Deus os criará um para o outro», e elle não sobreviveria mais um dia, depois do da demissão de Bülow. Na carta famosa, em que roga ao seu chanceller que não o abandone, acaba dramaticamente: «Pensai na minha pobre mulher e nos meus infelizes filhos!» Era o que Bülow queria.

De outra feita, depois do sincero interesse de Bülow para renovar a triplíce alliança, em que



ção, fôrma e movimento, acção e reacção. A pintura perspectiva e a musica contrapontista pretendem, por acaso, outra coisa? Ronald de Carvalho assim o entende. Por isso, seu humanismo e cultura classica, outr'ora motivos de deleite e meditação, cedem logar ás exigencias do momento. Tambem a columna dorica e o Parthenon, os olhos apagados das estatuas gregas, o sophisma alexandrino, a mystica aspiração do espirito gothico, as

pastoraes de Watteau e as canções da poesia dos jograis cederam successivamente logar ao barroco, á geometria analitica, á democracia, ao naturalismo, aos versos polysylabicos e ao impressionismo. E como a rotação não pára, Ronald de Carvalho diz seu *Avante, sempre avante*. Transmuda-se a physionomia dos symbolos: Ariel, hontem sereno, sorri ante a complexidade numerada das coisas.

a Italia deveria marchar junto com os imperios centraes, e isso porque o chanceller era casado com a filha do estadista italiano Mingheti, a politica italiana em relação aos paizes que se preparavam para a *entente*, suscitava mau humor e desconfiança nos meios germanicos. Fiel ao seu systema de arranjar as coisas difficeis, Bülow pronunciou, no Reichstag, no dia 8 de janeiro de 1902, um discurso, em que havia essa memoravel frase: *A triplice não proibe aos seus contratantes as boas relações com as outras potencias*. E recorreu á picante comparação do casamento feliz, em que o marido não deve mostrar uma cara aborrecida se a mulher faz um innocente *tour de valse* com um outro, o essencial é que ella não traia o esposo. Benedetto Croce, no seu recente livro: *Historia da Italia Contemporanea*, recorda que Bülow teve, mais uma vez, de arranjar as coisas, depois da visita de Loubet á Italia e, principalmente, em face da conducta desse paiz em Algeciras. «A imprensa e as assembléas allemãs protestavam: o *tour de valse* da Italia não era sem perigo para a fidelidade conjugal. Ao terminar aquella conferencia, acentúa Croce, o imperador Guilherme enviou ao imperador Francisco José um telegramma famoso, em que chamava a Austria-Hungria sua *alliada fiel*, excluindo implicitamente do louvor a terceira aliada. A este telegramma, Bülow procurou, por declarações subsequentes, dar o character de uma opinião puramente pessoal e particular, sem contudo conseguir destruir o effeito impolitico».

Toda a habilidade de Bülow consistia em manter preso a suas seducções o imperador, que nelle via um elemento capaz de resolver as crises resultantes dos seus impetós e fanfaronadas. Mas, com isso, o chanceller não conseguia evitar o isolamento em que se collocava o imperio. Talvez Guilherme II tivesse razão quando disse que, depois de Cesar Borgia, nunca tinha havido homem mais hypocrita na Europa. Sempre cortezão, só vez ou outra, empolgado pelo debate, era capaz de sinceridade, como naquella reunião famosa do Reichstag, em que Bülow mostrou a necessidade do soberano moderar suas palavras, dentro da reserva indispensavel a uma politica coherente com a autoridade da corôa. Apesar de todo o seu malabarismo, Bülow se gastou e, em junho de 1908, a bordo do *Hohenzolern*, no mesmo lugar em que, 12 annos atraz, fôra nomeado chanceller, o principe deu a sua demissão e o trefego imperador libertou-se desse homem de espirito, para ser servido por individuos mediocres, como Bethmann-Holveg.

Pouco depois de ter morrido, na Italia, o principe de Bülow, morria o principe Max de Baden, o ultimo chanceller do imperio allemão, o homem da derrota. Em 1918, depois de fracassada a ultima

tentativa de uma offensiva victoriosa na frente occidental, cercado o imperio, augmentadas dia por dia as possibilidades alliadas, com a renovação de homens e munições, com que os EE. Unidos abarrotavam a França, emquanto na Allemanha a miseria assolava e o nervosismo do povo chegava ao auge, sentindo-se ludibriado, nessa situação de angustia, Guilherme II chamou para seu chanceller o principe Max de Baden, seu primo. Já a revolução ameaçava o imperio e o novo chanceller acreditou que poderia evital-a com o famoso decreto, em que o kaiser instituia o governo democratico, appellando a collaboração do povo allemão no governo, desejando que homens de sua confiança tomassem parte maior na direcção dos destinos do paiz. Tardia iniciativa. A Allemanha tinha fome e o lirismo politico não resolveria situação nenhuma. Queria a paz. Max de Baden, herdeiro do throno do seu ducado, sentiu claramente, com intelligencia aguda, o mal irreparavel, mas tentou infantilmente remediar a crise. Affirmou que a frente estava intacta, quando a derrota era completa e Hindenburg a declarava; susteve o armisticio, que o estado-maior julgava necessario e immediatamente; contemporizou a abdicação de Guilherme II, que todos viam e exigiam como a primeira condição para salvar a Allemanha. Afinal, tudo se precipita e a revolução estala. Max de Baden, a 9 de Novembro, aconselha:— a abdicação, renuncia ao throno por parte do kronprinz e regencia para o filho deste, — ou a abdicação, com a escolha de um representante provisorio, assembléa nacional. O kaiser tenta a guerra contra o paiz, mas não tem mais exercito, não tem mais marinha. Quer renunciar apenas o throno imperial e manter-se no de rei da Prussia. Hindenburg e o konprinz mostram o ridiculo da idéa, em que Guilherme II se entrincheirou até a ultima hora. O chanceller declara que permanecerá no seu posto até resolver as questões relativas á abdicação, nem um minuto mais. Deseja ainda salvar a monarchia. Aconselha a nomeação de uma regencia e de Ebert para chanceller. No entanto, o kaiser ainda exclama: Traição! e queixa-se de ser mal servido pelo seu ultimo chanceller. Chega o dia 11 de novembro. Armisticio. O kaiser fugiu tristemente. O homem, cujo fim Renan desejaria ver, foi humilde pedir asilo, nas portas de um pequeno paiz, que teve a caridade de dar-lhe. Pelo mundo, regresso. Em Berlim, republica socialista. Ebert presidente. Não se falou mais no principe Max de Baden, que, na convulsão, perdera tambem elle o throno dos Zähringer. A derrota o varreu do scenario politico, onde teve papel tão pequeno e tão tragico. Ha dois mezes, elle morreu na Allemanha, como uma recordação historica.

ENSINO NO ESPIRITO SANTO

Uma entrevista com o Snr. Garcia de Rezende

O escritor Garcia de Rezende, inspector escolar no Espirito Santo e redactor do *Diario da Manhã*, de Victoria, forneceu-nos as seguintes notas sobre a reforma introduzida pelo governo espirito-santense no seu ensino primario.

Attendendo á nossa curiosidade quanto ao espirito da reforma e ao modo porque está sendo organizada a *Escola Activa Brasileira do Espirito Santo* disse-nos o Snr. Garcia de Rezende:

— O Espirito Santo está realizando uma audaciosa demonstração pedagogica. Audaciosa como expressão de arrojo, de independencia mental, de desassombro, mas vertiginosamente pratica porque é, sobretudo, inteligentissima. Tanto assim que está funcionando com uma eficiencia notavel. Ha, no Brasil, uma incompreensão lamentavel do sentido da nossa vida. Não acreditamos, ainda, no espectáculo inédito da nossa civilização, que é, sem optimismo envaidecedor, a mais nova e vigorosa do mundo. Temos uma secreta desconfiança na força do nosso genio. Todas as vezes que se estuda no Brasil, uma questão nacional, lança-se mão de todas as conquistas da cultura — estou sinceramente persuadido de que somos o povo que detem, numa agilissima capacidade de apprehensão, o maior coefficiente de saber generalizado — mas o espirito brasileiro, as condições brasileiras, não entram em linha de conta. Sentimos a alarmante volupia de retardar o desabrochamento integral da nossa personalidade. Por isso é que os maiores problemas brasileiros permanecem insolúveis. A questão do ensino, por exemplo, que é a nossa grande e complexa questão, tem sido atacada com a mentalidade europeia e em alguns Estados com o espirito norte-americano. O caso da escola nova é flagrante. Lançada na Europa como uma expressão do momento passou a preocupar, desde logo, o Brasil. Toda a volumosa bagagem da pedagogia nova, confeccionada na Allemanha, na Russia, na Italia, na Suissa e na França veio complicar infinitamente a mentalidade dos nossos technicos do Ensino. As doutrinas de Ferrière, Decroly, Kerchensteiner e Dewey surgiram apenas traduzidas com emphase, na bôcca dos nossos educadores. E sem, ao menos, um trabalho criterioso de adaptação dos principios da escola nova ás realidades brasileiras iniciou-se, em todo o paiz, a doutrina da pedagogia moderna. É claro que não estou me insurgindo contra esse movimento innovador como contribuição indispensavel da cultura estrangeira. Seria situar o Brasil num regionalismo sem physionomia propria e sem finalidade.

O EXEMPLO DO ESPIRITO SANTO

É evidente que um governo de moços como o do Espirito Santo — o presidente Aristeu Aguiar tem 36 annos e o mais velho dos seus Secretarios tem esta idade — incluindo, como incluiu destacadamente a questão do ensino no seu programma administrativo, não podia fazer uma reforma de instrucção apenas decorativa.

Comprometteria a sua mentalidade moça se adoptasse tal attitude. O primeiro passo victorioso do governo para a resolução do problema educacional de modo differente, dentro do Espirito Santo, foi entregar a pasta da Instrucção

ao dr. Attilio Vivacqua, um dos mais sinceros e brilhantes campeões da brasilidade. Assumindo a chefia da Secretaria da Instrucção o dr. Attilio Vivacqua, em entrevista concedida ao *Diario da Manhã*, accentuou o character essencialmente brasileiro da reforma a ser introduzida no ensino primario, e estabeleceu, em linhas geraes, as suas bases. Essas bases foram impostas pela vida espirito-santense, numa interpretação intelligente e aguda das nossas necessidades mais urgentes. Estava, pois, creada a *escola activa brasileira*, cujo sentido intenso e profundo, determinado pelo vigoroso espirito da Terra, condensa e exprime uma justa comprehensão da actualidade brasileira, no que ella possui de mais grandioso e de mais proprio. As idéas e principios da escola nova europeia, os resultados das suas pesquisas serviram, portanto, como fundamento cultural para a criação dos nossos methods activos. Nada mais.

A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA ACTIVA BRASILEIRA

Para dirigir a organização da escola activa assim orientada era preciso um tecnico perfeitamente identificado com os pontos de vista lançados pelo governo. E esse tecnico é o professor Deodato de Moraes, que se encontra commisionado, no Espirito Santo, na execução victoriosa dessa grande obra educacional. Partindo-se do principio de que o alumno aprende a fazer fazendo, por iniciativa propria, por actividade inteiramente sua, e como a grande finalidade da escola activa brasileira deve residir no ensino da vida brasileira actual, em todos os seus detalhes, levamos o Brasil dos nossos dias para o ambiente escolar. A vida brasileira crepita dynnamicamente dentro da escola nas cooperativas e bancos escolares, no cinema, no radio, no epidiiscopio, nos circulos de paes, nos museus agricolas, historico, geographico, industrial, commercial, nas officinas, nos acquarios, herbarios, no *Resumo Escolar*, condensando mensalmente as lições de oportunidade, nos orpheons, com o seu cuidado repertorio de musica brasileira.

O professor é, apenas, o guia intelligente dos alumnos. Elles proprios é que organizam o seu estudo de accordo com as observações feitas nesses varios departamentos da escola.

A escola do litoral tem por finalidade preparar o homem para a vida praiana e o ensino profissional da pesca; a da cidade determinar a sua formação no ambiente exacto da moderna vida brasileira e tem por objectivo principal as escolas profissionaes das industrias proprias de cada centro urbano; a do campo, rural, é essencialmente agricola, com campos — escola, em que se ensina, experimentalmente, a agricultura. Como se vê é o Brasil que se agita, na complexidade dos seus problemas sociaes e economicos, dentro dessa organização escolar.

A BASE SCIENTIFICA E A QUESTÃO DA SAUDE

Actualmente toda e qualquer organização social, dada a complexidade da vida do homem moderno, não pôde afastar-se das conquistas experimentaes da sciencia.

A escola activa, sendo, sobretudo, um laboratorio de fortissima projecção social, em que se prepara o homem

no ritmo acelerado da época, está fundamentalmente alcançada na sciencia.

Certos de que o sentido maxima da cultura contemporanea é essencialmente scientifico temos feito, na escola activa brasileira do Espirito Santo, uma minuciosa experimentação de pedagogia scientifica, que vae dos principios bio-geneticos, eugenicos, á avanzada concepção freudiana.

O alumno ao se matricular na nossa escola activa recebe a sua carteira Biographica, em que, ao lado de indicações anamnesticas estão especificadas condições somaticas, physiologicas e psychologicas.

Ainda são annotados nesse poderoso instrumento de verificação escolar os exames medicos.

Os dados psychologicos são conseguidos no Laboratorio de Psychologia Experimental e os demais por meio de aparelhos modernissimos, accionados por uma segura e attenta orientação scientifica.

Sendo a nossa escola activa essencialmente brasileira não poderíamos descurar do problema da saúde e da hygiene escolar.

Alem da assistencia medico-dentaria foi creada a Sala da Saúde que é o departamento de mais intensa significação da escola activa.

A Sala da Saúde é o aparelho coordenador por excellencia da actividade escolar, determinando não só um atilado criterio pedagogico para cada alumno como a cultura physica proveitosa e util, capaz de actuar efficientemente no seu aformoseamento plastico e na sua robustez.

A instituição dos Pelotões da Saude está, tambem, organizada de modo absolutamente pratico e scientifico, apresentando, de dia para dia os mais encorajadores resultados.

CULTURA DO PROFESSORADO

Sem um professorado de bem orientada proficiencia não é possivel a escola activa. Si ha methodos de ensino que exigem apuradas condições de competencia, de intelligencia e de vocação por parte dos seus experimentadores os activos figuram no primeiro plano.

Afim de cuidar da preparação technica do professorado o governo espirito-santense creou e mantem o Curso Su-

perior de Cultura Pedagogica e o Curso de Férias, que estão a cargo do professor Deodato de Moraes.

BIBLIOTHECAS FIXAS E CIRCULANTES

São outros factores poderosissimos da evolução cultural do professorado, a que demos uma organização efficientissima.

As bibliothecas fixas, composta de livros para o professor e o alumno, e franqueadas ao publico, funcionam nos Grupos Esoclares.

São constituídas com uma grande preocupação de brasilidade, não se apartando entretanto, do elevado e nobre sentido humano.

A brasilidade que estamos realizando, numa obra sincera e honesta de integração do Brasil na sua physionomia propria, não é, de modo algum, regionalista.

Entre o brasileiroismo e o nativismo não ha, por certo o menor ponto de contacto.

As bibliothecas circulantes, como o proprio nome indica, transitam de escola para escola, levando ás mais apartadas regiões espirito-santenses a influencia da idéa nova e da moderna cultura.

O Espirito Santo é o primeiro Estado brasileiro que a adopta, dando, porem, uma feição nova á sua organização.

ESCOLARIDADE

O governo não tem encontrado difficuldade na adopção dos methodos activos porque o ambiente espirito-santense já estava aparelhado para comportar a avanzada mentalidade da reforma.

É que o Espirito Santo, em materia de diffusão do ensino, está muito bem situado no quadro estatistico, figurando em 3.º logar entre os Estados de mais coefficiente de escolaridade.

Quasi toda a nossa população escolar, estimada em 70.000 creanças, de 7 a 12 annos, está escolarizada.

Ahi está, portanto, em linhas geraes, a organização escolar do Espirito Santo, cuja physionomia mais intensa é exprimir um desejo claro e preciso de se resolver a grande questão nacional do ensino dentro das condições puramente brasileiras.



Os novos valores argentinos

JOSÉ DE ESPAÑA

O moderno movimento literario que, entre nós, se circunscreveu quasi que exclusivamente á renovação das fórmulas poeticas passadas, conta já com um nucleo bem definido de valores regionaes, cujos nomes é facil que não coincidam com aquelles que uma critica um tanto apressada e parcial difundiu no estrangeiro.

Tal como era de esperar, na primeira epoca deste movimento innovador, mais do que a qualidade e valor intrinseco das obras, foi a virtude proselitista das pessoas, a que teve a critica em

conta ao formular os juizos e discernir posições e categorias literarias.

Foi necessario que o tempo passasse prudentemente para que, serenadas as polemicas e as lutas do primeiro instante, o trabalho silencioso dos melhores avultasse diante da consideração do publico e merecesse a justa ponderação da critica desapaixorada e intelligente.

Lentamente, sem choques de nenhuma natureza, de um modo natural e espontaneo, vamos chegando assim a uma total revalorização literaria

que acabará por nos dar a significação exacta deste movimento inovador e um índice fiel, uma verdadeira hierarchia dos autores que o animaram.

Entre os poetas que tudo devem á sua obra e que se impuzeram com essa facil segurança que caracteriza os verdadeiros valores, figura em primeiro plano, Horacio A. Schiavo com a sua produção de estréa, *Aventura*.

A primeira obra de Horacio A. Schiavo constituiu um triumpho e uma revelação que difficilmente se repetirá no transcurso da actual geração, em nosso meio. Unanimemente applaudido pela grande e pequenã imprensa do paiz, seu livro inicial, foi a primeira obra, de cunho modernista que obteve o premio municipal de literatura, instituido pelo Conselho de Buenos Aires.

O que singulariza esse livro que, por outros aspectos do seu character, se ajusta ás mais modernas correntes literarias, é que une á perfeição da fórmula, á preocupação quasi torturada por uma expressão exquisita, um sentimento espontaneo e fresco, um profundo e intenso acento lirico, que

fazem delle, não só uma das obras de technica mais acabada e perfeita, senão a criação de mais alto valor poetico que tem saído de nossos grupos de vanguarda.

Aventura, que traz como sub-titulo a palavra POEMA, é uma criação organica dividida em 26 estancias. Póde dizer-se que ella não só se erije á maneira de portada de uma obra futura que presentimos fecunda e dilatada, mas que, como num sentido mais humano, é tambem um prologo, o canto augural de uma vida. E talvez nessa luz de amanhecer que banha todas as suas imagens, resida a frescura e pujança lirica que constitue um dos seus maiores encantos.

O descobrimento jubiloso da vida e o amor são os assumptos que canta esse livro. E a posição do poeta, diante da sua obra, elle mesmo a define, nestes versos:

«A la sombra maternal de estos árboles antiguos
con el alma amanecida por tus voces,
seré un orfebro hecho amor para mi verso».



Um terceiro partido americano

TEIXEIRA SOARES.

Os Estados Unidos encontram-se num periodo verdadeiramente excepcional da sua historia. São, indiscutivelmente, a primeira nação do mundo no terreno das realizações materiaes. De uma riqueza transbordante, consideram magnifico o periodo economico, social, moral em que se encontram.

Entretanto, assim não pensam N. L. Mencken, Sinclair Lewis, Upton Sinclair, os poetas negros (Countee Cullen, McKay, Langston Hughes) e algumas figuras representativas da *intelligentsia* norte-americana. Ninguem póde negar o facto material. As estatisticas demonstram claramente o que vale, como factor economico, o homem norte-americano.

No meio desse oceano de prosperidade, ha jangadeiros que buscam outros sonhos, outras idéas. Não basta a materialidade das grandes cidades, das formidaveis usinas, das admiraveis universidades. E' preciso procurar alguma coisa

que fique muito acima do que representa a criação de concreto, ferro, aço, granito e tijolo do *homo faber*.

Nas classes intellectuaes notam-se indicios dessa inquietação. Não basta unicamente que a grande nação apresente uma mascara e tendencias, por assim dizer, punicas. E' preciso que os seus homens de intelligencia canalizem essa tremenda actividade, que accelera o rythmo da vida nacional, para fitos mais elevados que o da unica realização do *pile* de dollares...

Se o ouro fez os Estados Unidos em varias phases da sua historia, entretanto, por si só, não póde fazer a verdadeira *civilização* norte-americana. Esta é feita pelas idéas religiosas, intellectuaes e politicas.

Até ha bem pouco tempo, a vida politica ingleza apresentava a tradicional dichotomia: partido conservador e partido liberal. Ambos se revezavam no poder. Ha pouco tempo esse equilibrio

foi perturbado com o apparecimento de um terceiro partido: o trabalhista. O Partido trabalhista, actualmente, no poder, tem vida propria e programma á parte do dos outros partidos.

E' de todo o proposito fazer referencia ao exemplo inglez, tratando-se de coisas norte-americanas.

Nos Estados Unidos, até ao momento presente, existe a tradicional dichotomia politica: partido republicano e partido democrata.

E' curioso saber que tentativas já foram feitas para quebrar esse equilibrio dos dois pratos classicos da balança.

Roosevelt foi um desses audazes pelejadores, com o seu ephemero *Bull Moose party*. E Roosevelt, como se sabe, tinha um poderoso ascendente sobre as lutas e os collegios eleitoraes do paiz.

O velho e batalhador La Follette, durante todo o final da sua vida, encarnou as tendencias socialistas de um terceiro partido, que tinha o seu principal reducto no Estado de Wisconsin. La Follette foi quem levantou a ponta do véo dos escandalos de Teapot Dome, ao tempo do Presidente Harding. Elle era um admiravel exemplo de tenacidade e combatividade. Gozando de um prestigio incrível, conseguiu durante algum tempo manter cerradas as fileiras desse terceiro partido.

Mas, — pergunta-se — poderia esse partido vingar?

Morto La Follette, o partido desapareceu.

Tem havido uma verdadeira desproporção entre a insatisfacção dos ideaes, que se nota em muitos escriptores norte-americanos, e o espectáculo que offerece a vida politica do paiz.

Como os negocios correm bem, natural é que o publico se contente com os bons salarios, com o padrão de vida e com as eleições politicas.

Um debate de idéas talvez valha ás vezes tanto quanto muita prosperidade material. Nos proprios Estados Unidos, temos o caso do *fordismo*. A principio, idéas mais ou menos originaes de um arguto homem de negocios, hoje o fordismo constitue um verdadeiro credo do *super-power* das industrias e dos negocios norte-americanos.

E a inquietação sempre continuou.

Especialmente nos circulos universitarios, em certos jornaes, entre os elementos mais ou menos

cosmopolitas (repetindo os casos extranho de Henry James e de Ludwig Lewisohn), entre os anarchistas, os emancipados etc.

Ha alguns hereticos que pensam que a dichotomia partidaria não resolve todos os problemas da nação. E' preciso caminhar um pouco além do kilometro 999. Justamente no fazer essa nova caminhada é que consiste a revelação.

Um grupo decidido de pensadores resolveu fazer essa nova etapa. Verificaram que não tinham perdido tempo, visto terem chegado a consubstanciar todas as suas idéas num programma.

Vejam, agora, as *dramatis personae*. O Presidente da Liga da Independente Acção Politica (assim se chama o novo partido) é John Dewey, lente da Universidade de Columbia, conhecido philosopho norte-americano, pensador agudo. A classica physionomia do professor curvado sobre os livros: oculos, cabelleira irrequieta, nariz fino, grandes bigodes. Lembra, de certa maneira, o Sr. MacDonald, Primeiro Ministro da Inglaterra. Será um homem "pittoresco", que saiba conduzir uma bella campanha politica como um Al Smith, um Longworth, um Walsh? Os outros membros da junta directora são: James H. Maurer (publicista), Zona Gale (novellista), Paul H. Douglas e W. E. B. DuBois, o famoso escriptor negro do sul, autor de *Darkwater* (1920) e de uma série de livros sobre o problema negro nos Estados Unidos.

Dewey é autor de notaveis trabalhos sobre o pragmatismo e a educação.

Os principaes pontos visados por esses intellectuaes são os seguintes: posse das utilidades publicas pelo estado; o problema dos sem-trabalho; seguro contra accidentes; abolição de contractos leoninos de trabalho; taxação progressiva sobre a renda; revisão da taxação foreira e hereditaria; apoio á agricultura de uma maneira estavel; pensão para velhos e invalidos; independencia das Philippinas; liberdade de voto para os negros e o trabalho immigrante, etc.

O programma é importante. Abrange pontos vitais da organização economica e politica dos Estados Unidos. Resta saber se esse partido terá vida longa. Sómente a sua acção publica é que poderá demonstrar tal coisa.



REPERTÓRIO



SE FOR REVOGADA A LEI SECCA
— DECLARA FORD — FECHAREI
AS MINHAS FABRICAS

Tacs foram as palavras recentes de Ford. «Eu não quero occupar-me — ajuntou elle — em dirigir 200.000 operarios e lhes pagar salarios, que lhes serão consumidos pelos vendedores de bebidas. Não me interessa construir automoveis para uma geração saturada de alcool».

A industria deve necessariamente declinar num paiz entregue á bebida. Não é possível combinar um regime de alcools e um dia ou uma semana reduzida de trabalho. A bebida excita os operarios a se desinteressarem da occupação. A razão pela qual os EE. Unidos; estão na frente dos outros paizes, no ponto de vista industrial, a causa principal da prosperidade da America é a proibição do alcool. Os paizes estrangeiros querem vender seus productos na America, porque ella tem dinheiro; não têm elles mercados internos porque estão empobrecidos pelo alcool. O alcool arruina os seus melhores clientes.

Se ainda se bebe alcool clandestinamente nos EE. Unidos, a culpa é das esposas e das mães; só ellas poderiam fazer applicar as leis.

Beber não é mais elegante. As donas de casa podem fazer conhecido que os seus salões não são daquelles em que se bebe. Seu exemplo será seguido pelas senhoras de menor situação. Isso se faria sem barulho e sem publicidade, sem appellos, e a bebida mundana, como se diz, desapareceria sem demora. Foram as mulheres que, inicialmente, obrigaram a reforma do trafico, são as primeiras a serem beneficiadas e soffriam muito se fosse restabelecido. Desde que façam respeitar a lei em suas casas, não precisamos de nos occupar com os outros logares em que ella é

violada, desaparecerão por si mesmo. Quanto ao effeito do alcool sobre a industria, reduz os dias de trabalho a duas ou tres semanas; voltando, acabar-se-ia com a semana de 5 dias. Quando um operario bebia 2 ou 3 dias por semana, os patrões deviam exigir 10 a 12 horas de trabalho e 6 a 7 dias de semana. O desaparecimento do alcool permittiu aos operarios o dia de 8 horas e a semana de 5 dias ganhando o mesmo senão maior salario.

O petroleo e o alcool não se combinam. Eu não posso construir um carro para fazer 200.000 milhas se meus operarios bebem, porque seu trabalho seria impreciso; as proprias machinas seriam falseadas, porque seus conductores perderiam a habilidade. O alcool destruiria suas faculdades mentaes. Elle é causa de inexactidões, de desatensão e falta de interesse. É a medida do interesse que os operarios dão a seu trabalho que a cria a energia para criar alguma coisa. É o movel principal da nossa prosperidade. O povo americano tomou interesse por seu destino, se entusiasmou e tornou-se prospero, em vez de fanar-se, enchendo o cerebro de alcool.

No ponto de vista da liberdade pessoal, Ford estima que ella só augmenta com a prohibição das bebidas espirituosas; é pueril falar de uma limitação dos direitos do cidadão pela lei secca.

«Creio na liberdade individual — conclue Ford este artigo, aqui resumido — e nunca vi o alcool fazer outra coisa senão destruir a liberdade dos que a elle se entregam». Calcula que a prohibição é admittida por 99 % da população dos Estados-Unidos.

A EXTENSÃO DO PACTO KELLOGG

O chefe do governo britannico, sr. Mac Donald abriu oficialmente o debate sobre o problema da liberdade dos mares, declarando que, no seu entender, o pacto Briand-Kellogg acaba virtualmente com a velha questão dos navios neutros, uma vez que pelo dito accordo, se proibe a guerra de sorte que todas as nações passam a ser ini-

miyas serão contendoras da nação que aparece como aggressora. Nesse caso pergunta o primeiro inglez, para que discutir direitos de neutros? Declarada uma guerra, o commercio das potencias maritimas continuará sem outra limitação que não seja imposta pelo repudio ao aggressor, collocado fóra da lei internacional. Tal a extensão do pacto Briand-Kellogg, cuja consequencia outra será a adhesão á clausula opcional do estatuto da Côte Internacional de Justiça, que representa o instrumento indispensavel para fixar as responsabilidades da nação aggressora. Por essa clausula, as nações se sujeitam voluntariamente á jurisdicção dessa alta cõrte.

A noticia da interpretação britannica causou enorme extranheza nos Estados Unidos. O senador Borah, presidente da commissão de negocios estrangeiros do Senado, que, no assumpto, é, depois da Secretaria de Estado, a voz mais autorizada no paiz, quando não vence o proprio governo, repelliu energeticamente o ponto de vista de Mac Donald. «Não estou de accordo com a criação de Mac Donald — affirmou elle — e não consigo compreender porque mantemos armamentos poderosos se o pacto liquida com todos os assumptos pertinentes aos mares. Creio que a melhor prova de que o pacto anti-bellíco liquidou a questão dos direitos dos neutros seria uma reduçção energica dos armamentos. Se não esperamos nenhum conflicto marítimo, manifestemos nossa confiança no pacto, libertando-nos da carga desses armamentos». O Departamento de Estado não teve a mesma franqueza e sublinhou com reticencias as declarações britannicas. O sr. Stimson limitou-se a dizer que não houve por parte dos EE. Unidos nenhuma declaração que levasse a crer na possibilidade de abandonar sua politica relativa aos neutros, em virtude do pacto Briand-Kellogg. Outrosim, a adhesão á clausula opcional da Côte de Justiça não foi considerada pela Secretaria de Estado. Ao mesmo tempo, o governo de Washington reconhece a necessidade de codificar-se com urgencia as leis maritimas internacio-

naes e acredita que a Conferencia de Londres terá exito se o fizer.

Vê-se, dess'arte, que os Estados-Unidos não aceitam o plano absoluto a que quer chegar o governo britannico. Desejam fixar e resolver o problema dos direitos dos neutros, assegurando o transito dos navios que conduzam mantimentos ou outras utilidades indispensaveis ao consumo. A interpretação audaciosa, talvez logica, de Mac Donald resolveria demais a questão. Realmente, o senador Borah tem razão; depois disso, para que armamentos? E quem tem coragem de se desarmar?...

que, até agora, nada mais facil para

Além disso, o proprio pacto Briand-Kellogg, depois do conflicto sino-russo, ficou comprometido. Como se sabe, o Departamento de Estado americano, na qualidade de signatario do pacto, entendeu de passar uma nota ao Soviet, lembrando a este a sua qualidade de adhesista ao dito pacto e que, portanto deveria, naquella occasião, tudo fazer para evitar a guerra com a China, que se afigurava possivel. Pelo Soviet, Litvinoff respondeu de modo decisivo. Primeiro, tratava-se duma aggressão, que estava prevista no accordo de Paris; segundo, o mesmo não dava direito a nenhuma potencia signataria ou adhesista, de chamar a atenção de terceira para a observancia do texto, e assim julgava importuna a intervenção yankee. Diante disso, verificou-se logo a grande falha, a perpetua falha dos accordos internacionaes, a sancção. Porque, até agora, nada mais facil de se tornar farrapo de papel do que um tratado...

Será que o pacto Kellogg está em vias de ser assim considerado, se é que já não o foi, nessa hypothese? Estarão os seus signatarios dispostos a mantel-o ou, quem sabe?, não procurarão uma fórmula de evitar que se torne um elemento de confusão e perturbação, ao invés dum instrumento de cordialidade? A maneira porque o departamento de estado recebeu as palavras do sr. Mac Donald, depois do vexame causado pela resposta russa, não parece confirmar essas reservas?

CONTRA O BLOQUEIO

O sr. Herriot, chefe dos radicaes-socialistas francezes, endereçou o seguinte appello ao presidente Hoover, dos Estados Unidos:

«Senhor presidente: Condemnamos o bloqueio e apreciamos a elevação do vosso pensamento. Acreditamos que nenhum outro homem, no mundo inteiro, possui maior autoridade do que a vossa, depois dos serviços que prestastes

às populações desamparadas francesas e belgas, para pronunciar-se sobre essa questão. Compreendemos que os Estados Unidos desejem assegurar ao seu commercio internacional a liberdade a que têm direito. Mas, depois das terribes decepções que temos soffrido, estamos convencidos de que outra luta seria tambem mundial e não acreditamos que a guerra possa ser regulamentada ou que uma lei possa humanizar a. Devemos fundar nossos esforços no pacto Kellogg e organizar um systema internacional de protecção. Tomamos a liberdade de dizer-vos, senhor presidente, que as sancções Moraes não bastam, porque se interessariam por ellas tão sómente as nações de uma alta civilização, enquanto não as tomariam em consideração os povos animados por um espirito imperialista, ou ainda por simples caprichos. O lado fraco das sancções meramente Moraes está na sua tendencia para mostrar-se benevolas mesmo com a iniquidade.

«Senhor presidente: Ansiamos ajudar-vos no vosso empenho de livrar os Estados Unidos da obsessão do bloqueio. Ajudai-nos, unindo vossos esforços praticos aos nossos. Vós, que tanto podeis, ajudai-nos a livrar-nos do espectro da guerra. É essa a unica solução».



SHAW A RESPEITO DO PROBLEMA DOS DESARMAMENTOS

Alguns norte-americanos de escol, de passagem por Londres, resolveram conversar com George Bernard Shaw, o famoso dramaturgo e humorista irlandez. Prucurando um assumpto que estivesse em voga, um dos norte-americanos referiu-se naturalmente ao problema do desarmamento, em face dos Estados Unidos e da Inglaterra. Shaw respondeu com vivacidade: «Não ligo muita importancia a toda essa conversa de paz entre povos; quando, entretanto, vejo pessoas falando a respeito da impossibilidade da guerra entre os Estados Unidos e a Inglaterra, quasi chego a clávir o movimento dos canhões. Os inglezes e os norte-americanos são de certo modo parentes, e, como todos nós sabemos, não ha pessoas para disputar como os parentes. Enquanto eu ouvir os prefeitos de vocês atacarem o Rei Jorge, e da mesma maneira, ouvir os inglezes falarem a respeito desses «intoleraveis» norte-americanos,

então sinto que tudo está nos seus eixos».

POLITICA ARGENTINA

Falando a *La Nacion* de Buenos Aires, o ex-presidente, sr. Marcelo T. de Alvear fez uma rigorosa analyse da situação politica do seu paiz, affirmando: «passamos pelo ultimo periodo agudo do mal do caudilhismo». Disse que os idéaes do radicalismo foram completamente deturpados pelo actual governo, mas acredita que se trate duma crise transitoria, encarando sem temor o futuro. «Um povo não retrocede facilmente em plena madurez politica, com suas instituições consolidadas, com uma cultura individual e collectiva florescente e desejo de trabalhar ao abrigo da liberdade». Novamente, o caudilhismo, que tantas vezes retardou o progresso nacional, se implanta, com o declinio da função do governo.

Interrogado quanto ao seu concurso na vida politica, declarou que está prompto sempre a servir á causa publica, mas receia que a sua presença agora na Argentina venha exarcebar odios e exaltar paixões. Não deseja para o seu paiz contendias civis que o transviem, mas a paz e a tranquillidade, para proseguir nos seus largos destinos.

Essas palavras, que publicamos em resumo, partidas de uma figura da responsabilidade de Alvear, mostram bem a situação delicada a que chegou a politica do paiz visinho, com a presidencia reaccionaria do sr. Irigoyen.

CONSTRUCÇÃO DE USINAS

Na comunicação feita á sexta assembléa geral da Associação allemã para a hygiene industrial (*Deutsche Gesellschaft für Gewerbehygiene*), realizada em Hildelberg, no fim do anno passado, os srs. Hahn e Eisenberg, trataram dos principios sanitarios e medicos a observar na construcção das usinas. Mostraram, desde logo, a impossibilidade de formular prescripções geraes e a necessidade de estudar as condições do problema em cada caso particular, chamando a atenção para dois grandes factores que é preciso sempre levar em conta: o meio e o pessoal operario. No que concerne ao meio, convem verificar que o terreno escolhido tenha proporções bastante vastas e, em certos casos, sufficientemente afastado das zonas de habitação, pois que os visinhos podem ser perturbados pelas operações, ou residuos da fabricação. A hygiene dos trabalhadores, por outro lado, suscita questões,

como disposição de janelas, instalação de lavabos, vestiários, refeitórios, amortecimento de barulhos e vibrações.

No mesmo Congresso, tratando da «evolução architectural na construção das usinas», o sr. J. Poelzig expoz alguns problemas technicos que se apresentam ao architecto na construção das usinas: disposição dos locais, agrupamentos de edificios, corpos de edificação isolados, materiaes, determinação das fórmulas, das côres etc.

O HOMEM DE PEKIN

Um geologo chinês, que trabalha na região de Chowoutien, nos arredores de Pekim, annunciou ter feito uma notavel descoberta archeologica, que consiste numa ossatura, em perfeitas condições, pertencente á famosa especie do «homem de Pekin», ou seja o «Sinanthropus Pekinensis». O geologo ajunta que essa especie se liga ao periodo do «homem de Java». Foram tambem encontrados, na mesma região, varios dentes e pedaços de mandibulas que, após numerosas investigações, foram dadas como pertencentes igualmente ao «Pekinensis».

O NOVO PRESIDENTE DA GRECIA

Em substituição ao almirante Con-douriotis, foi eleito, pela Assembléa Nacional da Grecia, presidente dessa Republica, o sr. Alexandre Zaimis, nome que, ha 40 annos, participa com relevo da vida politica do seu paiz. Em 1890 foi pela primeira vez presidente do conselho de ministros do então reino dos hellenos e desde então por varias vezes occupou esse posto, ou o de ministro, com grande prestigio. Era por assim dizer o leader em opposição a Venizelos. Durante o reinado do rei Constantino, foi elle o chefe do governo, que manteve a Grecia neutra, o que, por ser contrario ao espirito nacional, o afastou do poder. Os acontecimentos subsequentes o deixaram fóra da acção politica, até 1920, quando occupou o cargo de ministro da educação, renunciando em seguida, para, novamente, permanecer sem função publica. Em 1926, foi candidato á presidencia da Republica. Durante os sérios disturbios que então se desenvolveram na Grecia, Zaimis foi primeiro ministro do governo de colligação, mas deixou logo a seguir o posto e, em 1927, formou um governo para pacificar o paiz. Em 1928, foi novamente chefe do gabinete do almirante Con-douriotis, cargo que renunciou pouco depois. Agora, a assembléa nacional lhe

confiou a suprema magistratura do paiz. Trata-se de um homem sobrio, pouco communicativo e casmurro, o que lhe valeu o appellido de *mudo*.

A BANDEIRA DA LIGA DAS NAÇÕES

Procura-se uma bandeira para a Liga das Nações e parece que ha serios embaraços para sua escolha. Um leitor do *Journal des Debats* propõe uma curiosa creação de uma bandeira com as sete côres do arco-iris em listas horizontaes e para justificar diz que o Capitulo IX do *Genese* nos ensina que o arco-iris foi o signal de reconciliação entre Deus e os homens após o diluvio universal.

A bandeira da Liga das Nações com as côres do arco-iris seria o symbolo da reconciliação entre todos os povos da terra e poder-se-ia inscrever nos angulos a palavra — Pax.

A REFRIGERAÇÃO SOB OS TROPICOS

Problema dos mais actuaes e sobretudo dos que mais nos interessam quando soffremos o calor dos nossos dias de verão, tem que ser obra e solução dos nossos cientistas e dos nossos constructores, a refrigeração da casa brasileira. Não podemos esperar que europeus e norte americanos estudem a solução do problema. A tarefa é nossa. E não é possível que não se encontre um meio de suavisar o mal. Os nossos avós compreendiam melhor a situação, construindo suas casas de paredes largas que diminuíam fortemente a acção do calor. Hoje o *bungalow* é um fórnio elegante.

Um engenheiro cubano Sr. Cristiano Alexander pensa ter descoberto um meio de garantir uma temperatura fresca nos paizes de regiões tropicaes.

Elle, com effeito, teria achado uma mistura gazoza especial, de pouco custo, que pode ser expandida na atmosfera dos aereoplanos a uma tal altura que, sem perigo para a população, creará nuvens artificiaes susceptiveis de absorver uma parte dos raios solares. O dr. Sampaio Ferraz, director da Meteorologia, declara que tudo nesse sentido, de modificar os factores atmosphericos, apesar das muitas tentativas, tem sido inutil. O que lhe parece possível é fazer, como os americanos, que «criam um ambiente artificial saudavel, baixando a temperatura, regulando a humidade, a ventilação e a renovação do ar».

É preciso que nós aqui fixemos o assumpto e podemos adeantar que

dois jovens cientistas o estudam com interesse.

VARIAS

— A casa habitada pelo grande poeta belga Verhaeren, destruida em 1914 e reconstruida, foi transformada em museo que conterá diversos moveis antigos, bustos e manuscritos que pertenceram a Emilio Verhaereu.

— A juventude leiga e republicana de Nantes celebrou em Outubro a memoria de Emilio Zola, organizando uma representação de *Theresa Raquin* des-empenhada por uma *troupe* local.

— Clemenceau terá agora o seu museo na America do Norte em Stanford (Connecticut). Em *Gleu Brook Road* a Sura. Helena Woodruff Smith consagrou á sua memoria a casa em que Clemenceau habitou de 1865 a 1870 quando era professor de francez nos Estados Unidos. Nessa casa a Srna. Smith reunio uma serie de documentos, livros, objectos e outras lembranças que servirão para o culto dos admiradores de Clemenceau.



IV CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ARCHITECTOS

Realizar-se-á, nesta capital, em obediencia ao voto do Congresso anterior, reunido em Buenos-Aires, no anno de 1927, o Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos, de 19 a 30 de junho vindouro. Conjuntamente com o Congresso se inaugurará a 4.^a exposição pan-americana de architectura.

O Congresso tem por objectivo:

- a) Estreitar os laços de amizade entre os architectos das Americas.
- b) Trabalhar pelo progresso da Architectura, incentivando todos os estudos que digam respeito á profissão do Architecto.
- c) Pugnar por um melhor conhecimento dos problemas, artisticos, scientificos, urbanisticos, paysagisticos, technicos e sociaes correlacionados com a Architectura, e cuja solução interesse particularmente aos paizes americanos.
- d) Promover a adopção das medidas indispensaveis para a dignificação e regulamentação da profissão do architecto e para a obtenção do apoio que deve merecer o exercicio da mesma.
- e) Levar a effeito o intercambio in-

tellectual, afim de que sejam creados e mantidos os vinculos da solidariedade entre os Architectos, as associações de architectos e as instituições de ensino de architectura das Nações Americanas.

As theses versarão sobre os temas seguintes:

- 1.º — Regionalismo e internacionalismo na architectura contemporanea. A orientação espiritual da architectura na America.
- 2.º — O ensino da architectura.
- 3.º — O arranha-céo e sua conveniencia sob triplice aspecto: — Hygienico, economico e esthetico.
- 4.º — A solução economica do problema residencial.
- 5.º — O urbanismo e a architectura paysagistica.
- 6.º — Regulamentação profissional e direitos autoraes do architecto.
- 7.º — A defeza do patrimonio artistico, principalmente architectonico das nações americanas.
- 8.º — Organização dos concursos publicos e privados, nacionaes e internacionaes de architectura e urbanismo.
- 9.º — Como julgar a tendencia da moderna architectura — decadencia ou resurgimento?
- 10.º — Parques escolares, universitarios, hospitalares, athleticos, e de diversões.

Uma secção de theses livres permitirá a apresentação, por qualquer congressista, de quaesquer trabalhos technicos, artiticos, legaes e sociaes.

A Exposição completará a obra de Congresso e se abrirá com elle, encerrando-se um mez depois. Divide-se em tres secções:

I — SECÇÃO DE ARCHITECTOS

- a) — Projectos de edificios e monumentos publicos.
- b) — Projectos de edificios particulares.
- c) — Monumentos particulares.
- d) — Urbanismo — Architectura paysagista.
- e) — Projectos de decoração.
- f) — Detalhes e motivos de architectura.
- g) — Trabalhos sobre archeologia americana.
- h) — Copias photographicas de edificios executados ou de projectos.

II — SECÇÃO DE INSTITUIÇÕES PUBLICAS E PARTICULARES

- A) — Ministerios e directorias de obras publicas e repartições de architectura, nacionaes, estadoaes ou provinciaes e municipaes.
- B) — Escriptorios, emprezas e socie-

dades particulares de architectura ou construcção (estes projectos devem trazer a assignatura dos seus autores).

III — SECÇÃO DE ESTUDANTES

A — Trabalhos de escola.

B) — Projectos de titulo e concursos finaes.

Para que sejam acceitos os trabalhos desta parte B, é indispensavel que tenham sido executados em Faculdades ou Escolas que outorguem o diploma de Architecto, de accôrdo com os programmas approvados por esses estabelecimentos e sob a immediata direcção dos respectivos professores. Além da assignatura do alumno e do professor, deverão trazer em logar visivel o nome da Faculdade ou Escola, e da Cidade e Nação de onde procederem.

A Commissão organizadora do Congresso compõe-se dos srs. drs. Nestor de Figueiredo e prof. A. Morales de los Rios, respectivamente presidente e secretario-geral.

Taes são as bases do Congresso que proximamente se realizará e vae sendo preparado com grande esforço e dedicação pelos seus distinctos organizadores. Deverá elle se orientar num criterio exclusivamente modernista e condemnar todas as tendencias que não procurem uma orientação nova na architectura, independente de laços de tradicionalismo, que devem ser quebrados. A America se liberta das formulas velhas e cria audaciosamente uma architectura actual, em ferro, em aço, em cimento armado, eleva os edificios além de 200 metros, procurando fazer a cidade moderna aquella machina de circular, de accordo com o imperativo mecanico da epoca. A obra do architecto será orientar esse rythmo e evitar que elle se disvirtue na frieza da engenharia. A arte é uma expressão legitima do tempo e, portanto, não devemos sacrificar-a a fórmulas mortas de sensibilidade, cuja transplantação é impossivel. Louvamos a organização das theses que, embora sem um caracter decisiva e exclusivamente moderno, como deveria ser, não traz concessões ostensivas a passadismos de qualquer ordem. Só a these IX, que indaga se a architectura moderna deve ser vista como resurgimento ou decadencia, nos parece ingenua. Está claro que nem uma nem outra coisa. Depois, as proprias expressões são confusas e que significam resurgimento e decadencia, sem pontos marcados de referencias? A cathedral gothica é decadencia ou resurgimento diante do Parthenon?

Assim o arranha-céo, a usina, a casa moderna. A architectura é expressão de um tempo e quando uma epoca e

bastante forte para criar o seu edificio, seria pueril falar em decadencia. Quanto a resurgimento, só o futuro decidirá e para que essa preocupação de um juizo prematuro e impossivel. Lembra aquelle dramalhão, em que os personagens dizem: *nós, os homens da idade-média...*

Deve, pois o Congresso de Architectos, para fazer obra fecunda e proveitosa, trabalhar dentro das correntes modernas, desprezar o pedantismo passadista e procurar exprimir o espirito actual americano. Determinar, no nosso continente, através das variações do espaço, esse rythmo da architectura moderna deve ser a sua alta missão, coordenando a espiritualidade constructora da America.

A ARTE NA AUSTRIA

O ultimo numero de *L'Art Vivant* (1.º de Dezembro de 1929) é consagrado á arte na Austria, e foi organizado, em grande parte, por Eugénio Steinhof, o illustre professor da Escola de Artes Decorativas de Vienna, cuja visita tivemos o prazer de receber, no anno passado, realizando uma serie de notaveis conferencias e cuja collaboraçao no MOVIMENTO BRASILEIRO podemos annunciar aos nossos leitores para um dos proximos numeros.

Essa edição de *L'Art Vivant*, pela somma de artigos, gravuras e illustrações, é um repositório magnifico, salientando-se entre outros, o trabalho de Steinhof, sobre a arte decorativa na Austria, e o artigo da Senhora Ninnon Steinhof-Tallon, sobre o movimento musical na Austria. Nesse estudo, a distincta escritora dá um grande relevo a Gustavo Mahler, sem o qual duvida que pudesse existir a figura singular e impressionante de Arnold Schönberg, em torno do qual se aggrupam os seus discipulos, formando a extrema-esquerda dos radicaes da musica; «os mais celebres são Anton von Webern e Alban Berg que, esses, fieis á terra de origem, residem ainda em Vienna; sua arte está impregnada das complicações schönbergiana, são poliphonistas requintados, mestres do colorido instrumental e vocal, mas mestres abstractos, pensadores musicaes». Mostra, por outro lado, os que se afastam das tendencias extremistas, seguindo um caminho intermediario que os mantem a igual distancia da difficuldade e da simplificação.

OS MONUMENTOS ARTISTICOS DO BRASIL

Ha pouco tempo foi offerecido a deliberação da Camara dos Deputados um projecto de lei que considera cida-

des artisticas algumas cidades mineiras notaveis pelo acervo artistico contido nas suas egrejas. O projecto, porem, apresentado por deputados da opposição, só por este facto foi juntar-se á outros tantos que dormem nas Comissões. Entretanto nada mais justo do que o Estado defender o patrimonio artistico e historico do paiz como uma lei que acautele e proteja certos monumentos evitando a sua destruição e continua alienação de obras de arte.

A exemplo do que fez a França que neste momento classificou como monumentos historicos a casa de Pasteur em Dôle, a de La Fontaine em Chateau-Tierry, a de Bonaparte em Ajaccio, a de Descartes, em Chatellerand, a de Balsac e Augusto Comte em Paris, poderíamos nós classificar, como monumentos algumas casas que recordam certos factos historicos, e principalmente egrejas que são pela sua antiguidade e belleza architectonica incontestaveis monumentos de arte colonial. Para isso o Estado constituiria um fundo que se destinasse a conservação de taes monumentos.

GRAVURAS EM MADEIRA DE OSWALDO GOELDI

Oswaldo Goeldi acaba de publicar, em edição limitada, cuidadosamente impressa nas officinas de Paulo, Pongetti & C.º, um album de gravuras em madeira. São do genero dessas gravuras, os sub-titulos e titulo geral do nosso *Repertorio*, feitos por Oswaldo Goeldi. Manoel Bandeira apresenta o livro em palavras de entusiasmo, das quaes transcrevemos as finaes:

«Oswaldo Goeldi nasceu em 1895, no Rio. Viveu a primeira infancia no Pará. A riqueza da fauna e da flora que tinha diante dos olhos, alimentavam a fantasia do menino, da mesma forma que mais tarde as frequentes viagens entre o Amazonas e o Rio, duas travessias á Europa, um poder de impressões diversas, portos, cidades, raças, — tudo o que a arte do homem reflectiria depois com vigor insolito.

«Em 1915 iniciou-se em Berna em estudos quimicos e agricolas, mas o pendor para a arte levou-o a abandonar tudo, partindo para Gembra, bom centro artistico, onde naquelle tempo existia ainda o grande Ferdinando Hodier. Ali, na Galeria Moos, via Goeldi quadros de Gauguin, Cézanne, Renoir, Van Gogh, Van Dongen, Signac... Já nessa epoca produzia muitos desenhos. Passou pelo atelier de Serge Pahnke e Henry Van Muyden, onde recebeu uma especie de educação ás avessas,

pois naquele ambiente academico se lhe formou uma profunda, definitiva antipathia contra essa arte morta, sem imaginação, sem alma, sem nervos. Os verdadeiros mestres de Goeldi foram aqueles artistas cujos quadros êle via na Galeria Moos; foi sobretudo a arte visionaria de Kubin, o tcheco fantastico, o genial illustrador de Poe, de Gerard de Nerval, de Barbey d'Aurevilly, do Livro de Daniel.

«Em 1920 voltou Goeldi ao Brasil, onde nunca realizou nenhuma exposição. Todavia tem trabalhado continuamente e só ultimamente a sua obra começou a ser conhecida. Tal o artista que apresenta neste album alguns exemplares de gravura em madeira, pelos quaes se pode apreciar a sua força de intuição e temperamento».



«IMAGENS DO MEXICO», DE RONALD DE CARVALHO

Numa luxuosa plaquette, em papel de linho do Prado, edição do Anuario do Brasil, foi publicada a conferencia *Imagens do Mexico*, que Ronald de Carvalho realizou a 10 do mez passado, no salão da Liga da Defesa Nacional, sob os auspicios do «Centro Universitario Cuauhtemoc».

É uma pagina vibrante e luminosa, em que se desdobram scenarios mexicanos e nelles avultam episodios da vida aventureira desse povo, figuras vigorosas e tragicas de conductores e guerreiros, ou se recortam as imagens do character da gente, das suas tendencias e pendores, através das lendas, da musica, de toda a riqueza portentosa do folk-lore. Ronald de Carvalho fala do Mexico, não só com o conhecimento profundo de quem visitou o paiz e pesquisou as fontes da sua cultura, mas com o entusiasmo ardente e um grande amor por todas as coisas mexicanas, cuja sensibilidade tanto o emociona.

As duas impressões finaes, em que Ronald de Carvalho nos revela o instincto esthetico do mexicano, *A Festa de Tonala e Talavera de Puebla*, são poemas admiraveis, em que conseguiu com rara força e tocante simplicidade, nos dar alguns momentos maravilhosos de arte pura, integrando-nos na sua suggestão. O eterno milagre da emoção esthetica.

«JUNQUEIRA FREIRE» DE HOMERO PIRES.

O sr. Homero Pires começa o seu livro definitivo sobre *Junqueira Freire*, com uma curiosa declaração: que escreveu esse trabalho sobre um poeta ao qual não o prende nenhum laço de admiração nem sympathia. Mas, no correr do livro é dominado pelo seu assumpto, torna-se defensor do poeta, demonstrando sympathia pela sensibilidade e entusiasmo pelo talento de Junqueira Freire, feito mais de promessas do que de realizações.

O problema de Junqueira Freire foi sempre saber o motivo que o levou ao claustro, desde que a hypothese da vocação sacerdotal estava de todo afastada. Varios attribuiam o gesto á decepção amorosa e apenas Sylvio Romero suspeitou mas não quiz explicar o mysterio. O sr. Homero Pires desvendou-o e nisso o grande merito historico da sua obra. Por documentos, informações, jornaes da epoca, em summa, por uma copiosa e extraordinaria investigação, conclue que o pae de Junqueira Freire — José Vicente de Sá Freire — commetera um desfalque; o que cobriu de vergonha toda a familia. O joven poeta, extremamente sensível, desesperou-se e entendeu afastar-se do mundo, enquanto a familia fazia silencio absoluto sobre o seu pae, tido como morto.

O sr. Homero Pires faz um estudo psychologico muito seguro dos antecedentes de Junqueira Freire, para explicar-lhe o character, a exaltação passional, o impeto constante e mostra-nos que sua mãe fôra filha natural e sua avó materna, pelo desvio de que resultara aquelle nascimento, se recolhera a um convento da Bahia, onde pertencia a uma das familias mais distinctas. Sempre o convento como meio de occultar as faltas.

Quanto ao poeta, o sr. Homero Pires o situa na literatura brasileira do tempo, revelando o que ha-de esquecido nas letras bahianas da epoca de Junqueira Freire. Analysa com muita segurança a figura do poeta, através dos methodos modernos de critica, valendo-se das categorias de Freud e seguindo os processos biographicos mais significativos da actualidade, de Maurois e do renovador da genero biographico, Lytton Strachey, autor do excellente livro *Queen Victoria*, de *Eminent Victorians* e que acaba de publicar um trabalho já muito louvado sobre *Queen Elisabeth and Essex*. Entre outras observações curiosas está aquella referente ás influencias de Junqueira Freire meado é, sem favor, um dos espiritos

re, mostrando que, apesar de tel-as recebido fortemente dos românticos, de Garrett e Herculano, nada disso deformou o seu nacionalismo, como expressão sincera do temperamento.

O livro do sr. Homero Pires, quer pelo valor crítico, quer pela somma de documentos e pela pesquisa formidável, é um trabalho de grande merito, no balanço geral dos valores brasileiros.

«PUSSANGA» DE PEREGRINO JUNIOR.

Acentuamos, no nosso ultimo numero, falando de *equador*, panorama literario da Amazonia, a fascinação extraordinaria que o extremo norte tem tido na nossa sensibilidade. E aparece, logo a seguir, o livro de episodios e paizagens de Peregrino Junior. Uma palavra sobre o autor.

Foi elle um dos bons companheiros da campanha modernista no Brasil e a sua actuação jornalística, quando da conferencia de Graça Aranha na Academia Brasileira, foi valente, ardorosa e magnífica. Os seus livros, porém, inspirados em motivos de elegancia, não davam a medida da sua sensibilidade, que se adivinhava apenas. Eis que agora, apparece com uma obra, que lhe dá relevo entre os escritores modernos. *Pussanga*. Novamente o Amazonia, torvelinho de gentes e coisas, monstruosidades, violencias, barbaria. Peregrino quiz tirar algumas resultantes humanas e dahi os seus contos, cujo merito fundamental é a psychologia da gente. O homem vive ali como um pedaço da natureza, de sorte que o seu character se amolda ao meio e se deforma nas suas contingencias. Peregrino Junior nos revela com segurança e sem se preocupar em insistir no commentario pathetico, alguns quadros extraordinarios. A simplicidade como que aviva o monstruoso. Vamos transcrever um episodio, que vale como o maior elogio ao livro, mostrando, ao mesmo tempo, o modo directo e real, da sua construção.

— Seu Remigio. — diz-lhe este, (o seringueiro Severino) — você quer fazer um negocio?

O tapuio balançou com a cabeça, — que sim.

— Você está por pouco... não é, seu Remigio?

O tapuio confirmou de novo, com a cabeça.

— E sua mulher, sinhá Virgolina, vae ficar sósinha neste mundão de seringa, sem ter ninguem que puna por ella.

O tapuio arregalou os olhos, espantado, mas sem revolta.

Severino falou mais claro:

— Você quer me vender sinhá Virgolina, seu Remigio?

— ?... (uns olhos compridos de dôr vararam o silencio).

— Negocio é negocio. Eu pago a sua conta no barracão e ainda lhe dou, por cima, duas pelles de borracha fina.

O tapuio não disse nada. Mas seus olhos sem esperanza buscaram no quarto os olhos da mulher.

Severino, sem hesitar, atirou duas pelles no meio da barraca, com estrondo, e completou com uma frieza cruel o seu pensamento sinistro:

Mas, porém, eu levo logo sinhá Virgolina lá p'ra casa!

O tapuio, comprehendendo o irremediavel da situação, envolveu-o num olhar resignado de fatalismo, cheio duma tristeza que não sabia e não podia protestar.

D. Virgolina concordou sem piedade:

— É mesmo. Eu vou logo. Remigio está morrendo aos tiquinhos...»

«PRAÇA DA CONCORDIA» DE ANTONIO FERRO

Um livro de entrevistas. Antonio Ferro é um jornalista admiravel. Tem uma curiosidade e uma argucia de reporter atilado, uma emoção de artista e muita modernidade. Nesse livro, elle fala grave sobre questões da Europa, com Poincaré; discute com o cardeal Dubois sobre a Igreja diante do estado francez; ouve Foch commentar, prudentemente, a paz européa; vae á caverna do «Tigre», apavora-se diante do homem formidavel que lhe diz — «deve julgar-se muito contente de ter chegado junto de mim... não falarei. O senhor pôde falar, posso escutalo e se falar alto. Se falar baixo, nem isso... Já não oiço bem»; prosa sobre arte moderna com Cocteau; tem um encontro admiravel com Poiret, «az» dos costureiros francezes e conversa com muitas outras figuras, Herriot, Pétain, Mistinguett, Coty, etc., etc.

O livro é uma marcação. Um momento, 1924-1926. De lá para cá, mudou muito, muita coisa, mas a inquietação perdura e o livro continúa verdadeiro.

O «BANQUETE» DE DANTE

Bernard de Watteville, dantologo suiso, fallecido em 1918, a sua filha Mme. Irène Moreillon de Watteville, traduziram para o francez o *Banquete* de Dante, que acaba de ser publicado, em edição de Albert Kundig.

A obra, ao que parece, não teria dado ao nome do grande poeta a immortalidade que lhe assegurou a *Comedia*. O *Banquete* ficou inacabado, comporta 4 tratados, quando deveria ter 14. Tal como é, nós ahi encontramos, diz Paolo Arcari «o homem na crueza das suas desgraças, o poeta consciente do seu genio e da sua missão, o erante cheio de fé e de esperanças. Fruto do exilio, como a *Comedia*, nos revela este livro uma caridade profunda, mas um orgulho extranho e uma grande tri-teza. Dante aborda alguns grandes temas humanos, o da vulgata, por exemplo, ou da nobreza. Defende a primeira com emoção. Refuta, com transporte, os preconceitos que correm sobre a outra. E tudo — conclue H. de Ziegler — nessas ardentes meditações, merece ser meditado ainda». Dante quiz, no *Banquete*, collocar todas as coisas no seu lugar, esclarecer as intelligencias escurcidas pela ignorancia, o que realiza destemidamente, para alcançar á «Athenas celestes» onde todos se reconciliam harmoniosamente. Esse é o *Banquete* de Dante.

PORQUE SE COMPRA UM LIVRO?

Essa pergunta foi feita aos leitores de um jornal de Leipzig e das respostas conclue-se: sobre cem pessoas que compram um livro, 20 o fazem por indicações da critica; 14 por conselhos de amigos; 10 porque são leitores assiduos do autor; 10 porque a publicidade elogiou o livro; 8 para passar o tempo em viagem; 4 pelos catalogos e os outros sem razões definidas.

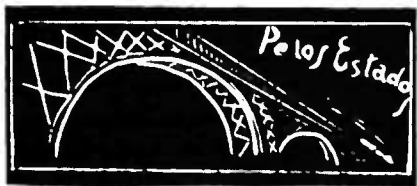
«BIBLIOTHECA EXOTICO-BRASILEIRA», DE ALFREDO DE CARVALHO

O governo de Pernambuco incumbiu o sr. Eduardo Tavares de colleccionar os trabalhos de Alfredo de Carvalho, o historiador pernambucano, relativos á Bibliotheca Exotico-Brasileira, que é um catalogo de todas as obras publicadas sobre o Brasil, representando assim um esforço formidavel de bibliographia, para reunir mais de 12.000 impressos, em 26 idiomas, enclusive o arabe, o basco, o tcheque, o bulgaro, o catalão, o croata, o filandez, o grego moderno, o magyar, o japonéz, o persa, o rumunaico, o ruthenico, o servio e o turco. Não tendo conseguido realizar, em vida, essa obra gigantesca, tomou a seu cargo realizal-a o governo de Pernambuco, que incumbiu o sr. Eduardo Tavares de colleccional-a e edital-a. Acaba de sahir o primeiro volume, com um excellent prefacio do sr. Eduardo Tavares, em que nos apresenta com simplicidade a figura do grande erudito pernambucano. Não é preciso en-

carecer o merito de trabalho de tal vulto, que será por certo um magnifico roteiro para os pesquisadores da nossa historia.

JANET E SÉAILLES — HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE

A historia da philosophia de Paul Janet e Gabriel Séailles, apparecida em 1886, sob o titulo *Les Problèmes et les Ecoles*, acaba de ser accrescida com um supplemento relativo ao periodo contemporaneo. Nessa obra, que já conta 14 edições, a historia da philosophia é feita seguindo as diversas soluções que têm sido dadas aos problemas maximos, segundo um criterio de imparcialidade. Dentro do mesmo plano, são estudados, no periodo actual, as questões metaphysicas por Abel Rey e P. Tisserand; as psychologias, por L. Douglas; as moraes, por D. Parodi; as logicas, por Dorelle e a historia das escolas, por D. Parodi. Trata-se de um excellente fecho para a obra de Janet e Seailles.



O NOVO CATHEDRATICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Depois de um concurso serio e de valor excepcional foi nomeado professor de clinica medica da Faculdade de Medicina da Bahia, o joven cientista, dr. Armando Sampaio Tavares. Será um grande merito se as nossas faculdades continuarem seguindo o criterio de renovar os quadros de professores, pois que, em nenhuma profissão, são mais precisos mocidade e entusiasmo do que no magisterio. Assim, a entrada de um moço nas nossas congregações, deve ser sempre motivo de alegria. No caso, o professor nomeado é, sem favor, um dos espiritos de maior relevo que apparecem na vida medica do Brasil. Basta compulsar os seus trabalhos magistraes, que serviram de theses para o concurso: «Do conceito Actual da Arteriosclerose. A questão da hypertonia essencial» (these sorteada) e «Sobre o methodo ophthalmoscopico de E. Weisz» (these de livre escolha), para estimar-se devidamente a cultura invulgar, a somma conscienciosa de experimentações, a visão clinica e o senso medico, que caracterizam o joven professor.

Sobre o seu modo moderno de en-

tender a clinica e o seu ensino, vale transcrever o trecho abaixo do seu discurso, ao tomar posse da cadeira, perante a congregação da Faculdade de Medicina da Bahia.

«A clinica das molestias internas — disse elle — é elemento essencial de educação medica, seja qual for a directriz por que se queiram orientar o os que se entregam á nossa profissão.

Della vieram os primeiros ensinamentos, porque da observação do doente é que se irradiaram a uma parte, os conhecimentos que do morbido se dirigiam á physiologia; a outra parte, do primitivismo encyclopedico, ao desdobramento das especializações, que cada dia mais se multiplicam, na resolução do problema economico da divisão do trabalho scientifico, onde o capital decresce na razão inversa das exigencias technicas.

A noção do orgão veiu com o seu soffrimento.

O homem porém não esperou as modernas conquistas para prescrutar a origem dos seus males e lhes buscar o lenitivo.

O empirismo precedeu a sciencia.

O nosso enfatuamento, nos tempos actuaes, porém, não differe em muito do dogmatismo da alchimia medieval. Proclama-se uma verdade como um facto irrecorrivel, para se reconhecer depois a relatividade da nova aquisição.

No dominio da sciencia pura, que por isso mesmo mais foge de perturbações dos elementos interferenciaes, os exemplos avultam de que as hypotheses tomam muita vez o lugar do conhecimento necessario, mas que nem por isso perdem o caracter de uma supposição.

H. Poincaré, um dos maiores mathematicos do seculo e philosopho dos mais estimados, deixa sub-intendida a pergunta de quantos problemas por si cahiriam si houvesse a necessidade de provar que a luz tem uma velocidade constante e que sua velocidade é a mesma em todas as direcções. Este postulado é fecundo de consequencias, mas é verdade aprioristica. E em medicina, em sciencia biologica, em quanto de hypothetico se debate o pensamento?

André Lichtwitz escreveu que «o sistema nervoso vegetativo si não existisse, devera ser inventado, como fizemos com as alglatrininas, bacteriolysinas, precipitativas, etc.», que responderam por algum tempo ás ansias das nossas indagações, mas que dentro em pouco se viu guardarem silencio ante aquellas duvidas que, numa analyse mais rapida, se tiveram no primeiro instante como resolvidas.

Assim, em clinica, como em medicina em geral, para falar sómente de nossa seára, no ensiuar e no praticar, é preciso confiar na doutrina nova, com a desconfiança na imaginação que cria, mas também deforma.

É noção elementar, que não annulla enthusiasmos nascentes, mas os retempera e os faz passar no crivo da Razão.

Faça-se assim o cuidado de tal reserva, mais perto andar-se-ão então da realidade, ajustada aos rigores desta formula.

E em clinica é apurar nos factos os bons officios dos methodos clinicos. Diagnosticar é deduzir. E então, não haverá dados que se desprezem. Os próprios e os de alheia sciencia. Nestes se contam os da physica, da bacteriologia, da chimica, da physiologia e da pathologia experimental, todos soccorros de cada hora.

Em torno a cada problema geral, agita-se uma multidão de questões. Por ellas ha de necessariamente penetrar a especulação, que não deixará se crystallise o espirito na expressão estatistica de uma formula.

Não contenta quem pensa, da superficie das colsas e ahi penetra indagador, na ansia da razão derradeira, que, queram ou não queiram, é a nossa tendencia natural.

Quando porém, a generalisação assim se impõe, excede os horizontes da clinica, comprehendida no seu conceito justalitteral.

Vale assim accentuar o beneficio, da lei Rocha Vaz, restabelecendo a cadeira de Pathologia interna.

Não que se eximja a clinica dos propositos que acabo de recordar: ella é quem falará com mais segura autoridade de taes condições. Mas, o retorno da pathologia está a nos indicar o caminho, poupando-nos o encargo de taes generalizações, para objectivar, na analyse dos casos concretos, a finalidade do nosso mistér.

A clinica propedeutica e a pathologia já desbravaram o terreno. Os methodos estudados comparativamente, no são e no morbido, na *doença eschematizada* nos seus traços mais vivos — formam os elementos com que mais simplesmente se farão entendidas as variantes pathologicas individuaes que caracterizam o doente.

N. Pende já disse que a pathologia é a clinica da especie e a clinica é a pathologia do individuo.

Uma visão exaggeradamente exigente quiz desprezar o estudo da pathologia, por não comprehender outro ensino das molestias, que não o *occorrencial* da clinica.

Era questão essencial que sem ensino pratico, não se concebem o estudo das doenças.

Mas não sei onde se encontra defezo o documentar immediato do ensino da pathologia. Nelle o doente é o exemplo,

A assembléa estudou ainda varias questões de monta, como alimentação dos operarios, luta contra a infecção do carvão, intoxicação arsenica e pelo chumbo, combate ao barulho, etc. na clinica é toda a finalidade.

Assim o fazem os serviços de além mar.

E dos de Maranon, em Madrid, poucos dos brasileiros se poderão orgulhar, em clinica, do movimento e interesse.

O que á Pathologia se pede é a systematização, a synthese dos factos morbidos.

A clinica assim terá maior empenho em, ao envez de falar em these, discutir da especie.

Cifram suas considerações aos dados encontrados; com o reconhecer as vantagens dos grandes methodos auxiliares, habituar tambem o alumno, que é o clinico de amanhã, a saber, de experiencia propria, as difficuldades diagnosticas, como os subsidios escassos, a conhecer a indicações personalissimas de um prognostico, atinar com os serviços da therapeutica naquele caso concreto.»



CULTURA BRASILEIRA

O sr. Francisco Guarderas, que representa, com tanta distincção, a Republica do Equador, no Brasil, é um dos escriptores mais penetrantes do seu paiz. Conhecedor perfeito da literatura brasileira, cujos poetas e prosadores sempre estudou com atilamento, o sr. Guarderas está escrevendo uma obra sobre as modernas correntes do pensamento no Brasil, afim de divulgar, na America latina, os aspectos mais interessantes da nossa vida intellectual, neste momento. O ensaio que publicamos, neste numero, constitue o primeiro capitulo desse livro, com que o sr. Francisco Guarderas tanto se recomenda á synpathia dos escriptores contemporaneos no Brasil. Serão, por igual, estudadas as figuras de Mario de Andrade, Quilherme de Almeida, Agripino Grieco, Alvaro Moreyra, Silvio Julio, Renato Almeida e outros.

PHILÉAS LEBESQUE OBTVE O «PREMIO MORÉAS»

O nome de Philéas Lebesgue é não só só muito admirado no Brasil, como por igual querido, tal a sua dedicação pelas letras brasileiras e particular interesse que tem demonstrado sempre pela nossa intelligencia. Durante muitos annos escreveu no «Mercur de France» a secção de letras brasileiras.

Figura curiosa de erudito e artista, que vive no Oise trabalhando na agricultura, Philéas Lebesgue acaba de obter o «Premio Moréas», conefrido por um jury presidido por Henri de Regnier. Esse premio é de 5.000 francos.

Philéas Lebesgue nasceu em Neuville-Vault (Oise) em 1896. Poeta, dramaturgo, critico, notavel pholologo, cuja obra *Au delà des grammaires* é tida como um notavel monumento linguistico, «exigindo pelo menos o conhecimento syntatico de quinze a vinte linguas», humanista e traductor (já tendo traduzido obras brasileiras) esse homem simples e rustico, que vive no campo, é um trabalhador infatigavel, digno da maior admiração, como observou Camille Maclair, «não só por causa do valor, do poder e da variedade da sua obra, mas ainda pelo exemplo que dá de uma dignidade literaria a mais absoluta... A tarefa feita, na hora em que os outros camponezes vão dormir, uma lampada se accende na pequena Vherdade de Neuville-Vault, e ella só se apagará muito mais tarde. Illumina a vigilia estudiosa de um poeta, de um humanista, de um grammatico, de um fervoroso das literaturas comparadas. O amor, o puro amor das letras nunca se revelou mais imperiosamente do que nesse homem...»

MUSSOLINI DEFINE A NOVA ACADEMIA ITALIANA

No discurso pronunciado por Mussolini por ocasião da recente inauguração da Academia Italiana, convem destacar as seguintes palavras com que definiu o caracter da nova companhia. — «A Academia de Italia não é uma vitrine de celebridades já agora indiscutidas; ella não quer ser e não será uma especie de jubilação insigne ou menos tardio de seus meritos; não será sómente isto. Vereis entre os academicos das quatro categorias, homens de origens, de escolas, de temperamentos diversos; homens que representam o momento passado, o actual e o futuro.

A Academia é necessariamente ecletica porque não póde ser monocordia. Na Academia passa assim a vida do espirito, que é continua, complexa e uni-

taria, da musica a mathematica, da philosophia a architectura, da archeologia ao futurismo. Na Academia, ha a Italia, com todas as certezas de seu passado, as certezas de seu presente, as anticipações de seu futuro.

A EXPLORAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAES PELOS HERDEIROS DOS ESCRITORES

A proposito da conduta dos herdeiros de Nietzsche relativa á publicação de diversos escritos do celebre philosopho o *Literarische Welt* censura fortemente a attitude desses herdeiros ou mais exactamente da irmã de Nietzsche que levada por uma paixão politica procura desfigurar sua herança. Mme. Forster Nietzsche é uma nacionalista entusiasta, uma racista. A escolha dos escritos é feita segundo suas tendencias politicas que são erroneas, porquanto Nietzsche combateu o imperialismo e julgou severamente a Alemanha de Bismarck.

Por essa razão a revista allemã insistiu pela necessidade de uma lei que retire aos herdeiros naturaes dum escriptor o direito de disporem de sua propriedade intellectual. Esta propriedade pertence á communidade. É absurdo, sustenta aquelle jornal que um individuo, filho, irmão ou primo em cujas mãos venha a cair, por accaso, essa herança, possa utilisal-a á sua vontade; que elle possa, por orgulho ou por tolice alterar ou mesmo destruir partes importantes de tal obra. Que lhe deixe os beneficios materiaes, é justo mas o que é absurdo é ficar elle senhor do pensamento alheio, impedir a sua publicação ou dosal-a segundo sua vontade.

UM POEMA DE HORACIO A. SCHIAVO

Através do artigo, que publicamos neste numero, do nosso collaborador, sr. José de España, encontrarão os leitores noticia do poeta argentino Horacio A. Schiavo, cujo livro *Aventura* mereceu o premio municipal de literatura de 1928, da Camara de Buenos Aires. Temos o prazer de dar a seguir um poema inedito do brilhante poeta, offerecido a MOVIMENTO BRASILEIRO. Não traduzimos para guardar o sabor do original castelhana, em que todos lemos sempre com muito agrado.

ELOGIO DE UNA CAMPESINA

Por los senderos húmedos
tus pasos se anticipan a la madrugada
mientras tu voz se cuelga de los nidos
[más altos.

Yo he visto en tus ojos palpitar al
[Lucero.
Yo he visto elevarse los días
en tu mirada virgen de todo pasado.
Y supe de la mansedumbre del arroyo
[y la helechos.
al descansar en tus ojos de uvas o de
[helechos.
Toda tu tienes algo de la primer ma-
[ñana.

Algo de tierra fértil.
Algo de flor y pájaro.

Tu cuerpo amaneciendo bajo los ves-
[tidos
debe ser fresco y puro
como el campo mojado.

Un perfume de lluvias y de selva
se prendió a tus cabellos hecho abrojo
[invisible
y tu boca es el cofre de un olor de
[manzanas.

Yo conozco al dios
que cobija el sueño de tus noches
[blancas:
de tus noches hechas con doce pétalos
[de azucena.

Yo caminé tu entoldado país de hojas
[verdes
rumoroso de acequias.

Yo conozco tu casa
que es poema de amor plasmado en
[barro.
Y a tu padre, de las manos de tierra.
Ya tu madre, con su libro de salmos...

Pero tus pasos no dejan su huella en
[los caminos.
(Sus pies entre los tréboles
son palomas perdidas).

Por los sanderos húmedos te anticipas
[al alba



UMA PEÇA QUE SE PASSA NA RUA

Na rua é o título da peça de Elmer Rice adaptada por Francis Carco para o teatro «Apollo» de Paris. Nada de notável pela sua qualidade. O episódio central: um facto banal, mas a peça de um curioso realismo feito para o grande publico. Alguma coisa inteiramente aparentada com o do cinema, como, aliás, parece ser em geral o teatro americano como *Processo de Mary Dungan*, *Broadway* e outras.

O scenario representa, apenas, a fachada de uma dessas casas de commodos dos bairros populares americanos, com sua escada, de alguns degraus, apenas. Adiante a rua, com o seu passeio, atravancada de trabalho... E durante os tres actos, assistimos á vida dos locatarios desse immovel, vida que se passa, em frente ao edificio, sobre a pequena escada, nas janellas, num dia quente de Nova-York quando o calor intenso impelle seus habitantes para fóra. A casa é habitada por gente de toda especie e de todas as nacionalidades. No andar terreo, é uma familia judia com a filha *instrutrice* e o filho estudante, depois um professor de musica italiana com sua mulher. No primeiro andar vê-se toda sorte de gente que vae e vem, sahe para o traba-

lho, para os campos, para as compras, para as diversões... Uma velha falatrone e cynica, cujo filho promete ser um tratante, uma mulher com dois filhos, reduzidos á miseria e ameaçados de despejo; um homem afobado pelo parto da mulher; um operario brutal Moran, cuja mulher tem um amante e cuja filha, Rosa, uma gentil dactylographa, que possui dois namorados, Sam Kaplan, o estudante, e seu patrão Easter que se oferece para *protegel-a*.

A vida de todos, de tudo que se vê diariamente em todas grandes cidades e que na peça melhor se aprecia nesses pequeninas comedias da vida, pois todos esses personagens se conhecem, falam, conservam, commentam num vae e vem continuo, tudo isso entre o ruido da rua.

É emfim, um quadro de uma verdade incontestavel.

Num dos actos o Moran chega de improviso, do trabalho, desconfiado sobre a conducta de sua mulher, no momento em que esta recebe o amante em sua casa.

O operario sobe de um pulo a escada. Ouvem-se dois tiros. A multidão acorre para prendel-o. O operario de revólver em punho apparece no topo da escada ameaça com a arma e foge na confusão.

No ultimo acto Moran, o operario é preso em frente á casa, quando arrependido despedia-se da filha. Os policias o levam... Rosa, diz adeus ao seu namorado Sam, para aceitar o offerecimento de seu patrão... Depois o drama, a vida da rua que retoma o seu rythmo e seus aspectos familiares, indifferente, esquecida...

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147